

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Susana Maria Soares Pereira Ribeiro

**Brinquedos e Brincadeiras em contexto
de Rua. O papel do brinquedo nas culturas
infantis em Moçambique**

abril de 2016



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Susana Maria Soares Pereira Ribeiro

**Brinquedos e Brincadeiras em contexto
de Rua. O papel do brinquedo nas culturas
infantis em Moçambique**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Estudos da Criança
Área de Especialização em Intervenção Psicossocial
com Crianças, Jovens e Famílias

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Manuel José Jacinto Sarmento Pereira

abril de 2016

DECLARAÇÃO

Nome Susana Maria Soares Pereira Ribeiro Endereço electrónico: susyribeiro75@hotmail.com

Número do Bilhete de Identidade 10901092

Título dissertação:

Brinquedos e Brincadeiras em contexto de Rua. O papel do brinquedo nas culturas infantis em Moçambique

Orientador:

Professor Doutor Manuel José Jacinto Sarmento Pereira

Ano de conclusão: 2016

Designação do Mestrado:

Mestrado em Estudos da Criança, Área de Especialização em Intervenção Psicossocial com Crianças, Jovens e Famílias

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

A todas as crianças Moçambicanas que fazem da rua o seu palco de brincadeira...

Agradecimentos

Durante mais de um ano a perspectivação de um sonho, que só se tornou possível com o apoio e colaboração permanente de algumas pessoas que não poderia deixar de referir.

Ao meu marido Carlos pelo apoio constante e pai presente que sempre soube ser, muito principalmente aquando da minha partida para Moçambique.

Às minhas filhas, que de alguma forma me deram o seu apoio e me fizeram acreditar que esta caminhada seria possível.

À minha avó meu pilar desde a infância e presença assídua nesta caminhada, pelo seu apoio e carinho.

Às minhas irmãs pelas palavras de encorajamento e dedicação nesta etapa da minha vida.

Aos meus pais, pelo apoio á família durante a minha ausência.

À minha comadre e Pró- Reitora da Universidade Pedagógica (UP) Dra. Benedita Lopes que me acolheu gentilmente em sua casa, durante os três meses de permanência em Moçambique, mostrando-se incansável em proporcionar actividades na UP que fossem de encontro ao meu trabalho.

Ao meu compadre Dr. António Franque, Funcionário do Instituto Nacional de Educação à Distância (INED), pela forma amistosa e prestável com que me acolheu em sua casa e pelas descobertas que me proporcionou em Moçambique e África do Sul.

Um agradecimento sentido ao meu cunhado que caminhou lado a lado comigo, onde sempre foi o meu braço direito, nas dúvidas encontradas ao longo do caminho.

Um agradecimento muito especial ao meu orientador, Dr. Manuel Jacinto Sarmento Pereira, por acreditar em mim e aceitar este desafio, mostrando sempre o seu apoio a qualquer hora e em qualquer lugar.

Um agradecimento sem preço nem tamanho a todas as crianças Moçambicanas que tornaram os meus dias verdadeiramente especiais ao seu lado, partilhando comigo as suas experiências de vida, ensinando-me a ver o outro lado de ser criança. Obrigada a todas pela presença constante ao longo desta etapa.

Resumo

Através da observação e análise das práticas diárias no repertório lúdico- infantil da criança Moçambicana, procurou-se perceber quais as brincadeiras e brinquedos mais comuns das crianças de um bairro às portas de Maputo, bem como o tempo que diariamente as crianças lhe dedicam, como parte integrante do seu processo de desenvolvimento. A pesquisa foi realizada no bairro da Zona Verde, por um período de três meses, abarcando um elevado número de crianças com idades compreendidas entre os dois e os dezasseis anos de idade, ligadas entre si, por algum grau de parentesco, ou sendo apenas amigos ou vizinhos.

A metodologia de investigação usada nesta pesquisa é de carácter etnográfico, recorrendo a entrevistas, fotografias, vídeos e conversas informais com as crianças e suas famílias, bem como através de observações directas das práticas infantis, privilegiando uma investigação participativa com as crianças, elementos integrantes e fundamentais desta pesquisa.

Palavras Chave: Crianças; Brincadeiras; Brinquedos; Culturas; Moçambique

Abstract

Through observation and analysis of daily practices in ludic and child repertory of Mozambican child, we tried to understand what the most common games and toys of children in a neighborhood at the gates of Maputo, as well as the time it daily children engaged him as integral part of their development process. The survey was conducted in the neighborhood of Zona Verde for a period of three months, covering a high number of children aged between two and sixteen years old, linked together by some degree of kinship, or being just friends or neighbors.

The research methodology used in this research is ethnographic character, using interviews, photographs, videos and informal conversations with the children and their families as well as through direct observations of children's practices, privileging participatory research with children, members and key elements of this research.

Keywords: Children, play, Toys, Cultures, Mozambique

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
CAPITULO I – Orientação teórica e metodológica	3
1.1 Enquadramento teórico-conceitual	5
1.2 Metodologia.....	14
1.2.1 Desenho da investigação	14
CAPITULO II – Contexto de investigação	17
2.1 Moçambique, Maputo, Bairro da Zona Verde: Ser-se criança neste contexto	19
2.1.1 Distribuição da população nas cidades de Maputo e Matola	19
2.1.2 Cultura Moçambicana, relações culturais e sociais – Quando ser pobre se torna uma identidade	20
2.1.3 Maputo – cidade de contrastes.....	21
2.1.4 Bairros- o espelho de Maputo.....	24
2.1.5 Educar em Moçambique: Com que perspectivas e ideais?	26
CAPITULO III – Práticas de brincadeira das crianças Moçambicanas.....	29
3.1 A entrada no terreno da investigação.....	31
3.1.1 Do pensar ao agir: Partida para Moçambique / o primeiro impacto.....	31
3.2 Grupo de crianças participantes desta investigação.....	33
3.3 Apresentação dos episódios	34
3.4 Descrição dos episódios.....	45
3.5 Análise dos episódios: brincar e aprender no contexto africano.....	90
3.5.1 Espaços, ambientes e contextos.....	91
3.5.2 Jogos, brinquedos e brincadeiras	96
3.5.3 O dia-a-dia das crianças do bairro da zona verde.....	96
3.5.4 Quando brincam as crianças?	101
3.5.5 Com quem brincam as crianças?	103

3.5.6 Como brincam as crianças?	107
CONCLUSÃO.....	112
BIBLIOGRAFIA.....	114

Índice de figuras

Figura 1 - Lado a lado com a pobreza	20
Figura 2 - Comércio local na cidade de Matola.....	22
Figura 3 - Comércio local na cidade de Bilene	22
Figura 4 - Casa tradicional moçambicana feita de pau apiki.....	25
Figura 5 - Casa tradicional moçambicana feita de pau apiki.....	25
Figura 6 - Brincar ao faz de conta com matopi	46
Figura 7 - Brincar ao faz de conta com matopi	46
Figura 8 - Fazendo buracos na areia para refrescar os pés	47
Figura 9 - Fazendo buracos na areia para refrescar os pés	47
Figura 10 - Fazer uma moto com tampinhas de plástico e arame	48
Figura 11 – Baloíços de corda improvisados na árvore.....	49
Figura 12 - Construção de papagaios de papel, feitos com materiais de desperdício	50
Figura 13 - Papagaios de papel, feitos com materiais de desperdício	51
Figura 14 - Carrinhos de areia no chinelo	53
Figura 15 - Carrinhos de areia no chinelo	53
Figura 16 - Brincadeiras com latas de leite em pó	54
Figura 17 - Brincadeiras com latas de leite em pó	54
Figura 18 - Construção de casas na areia	55
Figura 19 - Carro feito de arame, fido de cobre, latas e caniços	56
Figura 20 - Brincadeiras diárias de saltar nos pneus	57
Figura 21 - Brincadeiras diárias de saltar nos pneus	57
Figura 22 - Jogo das tampinhas	58
Figura 23 - Jogo das tampinhas	58
Figura 24 - Brincar ao faz de conta	59
Figura 25 - Brincando com luvas	61
Figura 26 - Jogo do Zoto	62
Figura 27 - Jogo do Zoto	62
Figura 28 - Jogo do elástico.....	63
Figura 29 - Jogo do elástico.....	63
Figura 30 - Brincadeiras na praia de Bilene	64
Figura 31 - Brincadeiras na praia de Bilene	64

Figura 32 - A colocar corda na árvore	65
Figura 33 - Brincadeira nas árvores.....	66
Figura 34 - Fazendo anéis com papéis de Kibom.....	67
Figura 35 - Preparação para o jogo de Matakozana	68
Figura 36 - Jogo de Matakozana.....	69
Figura 37 - Jogo de Matakozana.....	69
Figura 38 - Fazendo barquinhos de papel e jató	70
Figura 39 - Fazendo barquinhos de papel e jató.....	70
Figura 40 - Brincadeira com pneus.....	71
Figura 41 - Desfile de carrinhos	72
Figura 42 - Desfile de carrinhos	72
Figura 43 - Guerra de coquinhos	73
Figura 44 - Guerra de coquinhos	73
Figura 45 - Jogo do lencinho no colégio de Mireme	75
Figura 46 - Jogo "quer cazá"	75
Figura 47- Limpeza dos quintais	76
Figura 48 - Limpeza dos quintais	76
Figura 49 - Brincando ao faz de conta.....	78
Figura 50 - Brincando ao faz de conta.....	78
Figura 51 - Brincar di cinza.....	79
Figura 52 - Jogar á matakosana	80
Figura 53 - Jogo da Matakosana.....	81
Figura 54 - Esconder a pilha.....	82
Figura 55 - A dança da marrabenta	83
Figura 56 - A dança da marrabenta	83
Figura 57 - Brincando ao faz de conta com mechas.....	84
Figura 58 - Brincando ao camião vai passá.....	85
Figura 59 - Brincando ao camião vai passá.....	86
Figura 60 - Escondidas detrás do muro	87
Figura 61 - Correndo para se esconder.....	87
Figura 62 - Saltar o muro dos vizinhos para se esconder	88
Figura 63 - Elaboração de uma bola de futebol.....	89
Figura 64 - Dança tradicional da “Marrabenta”	93
Figura 65 - Fazendo bonecos na areia	94

Figura 66 - Alice e Naíma tomando conta dos irmãos	98
Figura 67 - Alice e Naíma tomando conta dos irmãos	98
Figura 68 - Brincadeiras de faz de conta	98
Figura 69 - Brincadeiras de faz de conta	99
Figura 70 - Dançando para a observadora	99
Figura 71 - Dança na casa da observadora	100
Figura 72 - Baloços improvisados nas acácias	102
Figura 73 - Baloçar nas árvores.....	102
Figura 74 - Brincadeiras supervisionados por um adulto	104
Figura 75 - Brincadeiras supervisionados por um adulto	105
Figura 76 - Grupo misto de brincadeira.....	106
Figura 77 - Brincadeiras de faz de conta	106
Figura 78 - Viola feita de materiais de desperdício.....	108
Figura 79 - Brinquedo feito com elementos da natureza – caniços.....	109
Figura 80 - Jogos tradicionais.....	109
Figura 81 - Uma criança brincando num esgoto.....	110

Índice de tabelas

Tabela 1 – Episódios, por data e participantes	36
Tabela 2 - Jogos observados no bairro da zona verde	40
Tabela 3 – Brinquedos observados no bairro da zona verde	41
Tabela 4 - Brincadeiras observadas no bairro da Zona Verde.....	44

INTRODUÇÃO

Normalmente, quando nos é reportada uma notícia vinda do continente Africano, nem sempre é veiculada da melhor forma, relacionando imediatamente a imagem com a vulgar conotação da criança pobre e triste, que não vive, apenas sobrevive. Desta forma, surge este trabalho que visa essencialmente desfazer essa imagem que durante décadas povoa o imaginário mas pelo lado negativo, mostrando um pouco da realidade e do contexto africano para que os leitores possam por si próprios constatar a realidade africana e assim desmistificar o exagero que sempre se verifica. Será objectivo primordial desta dissertação dar especial atenção ao “lugar da criança” na sociedade onde se insere, bem como dar a conhecer um pouco do quotidiano infantil, das suas brincadeiras e momentos de interacção entre pares.

Perante este cenário, levantam-se algumas questões, que surgem como problema de pesquisa: Quando brincam as crianças? Com quem brincam as crianças? Como brincam as crianças? Partindo com a motivação inicial de a todas estas questões dar resposta, tentará esta investigação caracterizar a experiência de vida das crianças, procurando dar a conhecer um pouco das práticas quotidianas que preenchem o seu dia-a-dia.

Esta dissertação está organizada em três capítulos, sendo que o primeiro capítulo diz respeito aos fundamentos teóricos e à metodologia e desenho da investigação. No segundo capítulo é feita uma observação mais pormenorizada ao continente africano, descrevendo mais detalhadamente a grande Maputo e os bairros, incidindo principalmente no bairro da zona verde, ponto central deste estudo. O terceiro capítulo abarca a parte mais central deste estudo, onde se tenta dar resposta às questões anteriormente formuladas, sendo descrita, de uma forma mais pormenorizada, o contexto de vida das crianças deste estudo. Neste capítulo fazem-se as transcrições dos vídeos, registados em diário de campo e a análise das práticas lúdicas das crianças.

É nestes parâmetros que este trabalho se fundamenta e pretende ser uma ponte entre quem escreve e quem irá ler. Longe de ser um produto acabado, permitirá já desmistificar um pouco das ideias feitas que envolvem o continente africano, levantando assim a cortina do desconhecido, a fim de vislumbrarmos um pouco dos atores principais deste cenário - as crianças.

CAPITULO I

Orientação teórica e metodológica

1.1 Enquadramento teórico-conceptual

Na perspectiva de concretizar um desejo e na obtenção de informação relevante sobre a criança e os brinquedos tradicionalmente usados pelas crianças em Moçambique, parti para o continente Africano, tendo feito uma pesquisa prévia de autores e temas que me abrissem novos horizontes e perspectivas sobre o tema que me propunha a estudar.

Este desafio de estudar e perceber o cenário lúdico infantil teve início nas aulas de Sociologia da Infância onde o debruçar sobre as Culturas da Infância e o aprofundar destes conceitos me levou a enveredar por um estudo que perspectivasse uma cultura diferente da europeia e que me permitisse perceber o que é ser criança neste outro contexto e como essa mesma cultura interfere nos modos de representação das brincadeiras e dos jogos entre as crianças. O contexto africano surge assim como uma realidade potencialmente distinta das percepções do brincar que me leva a querer perceber o contexto de acção destas crianças.

Apesar de muito se falar em brinquedos, brincadeiras, culturas e imaginário infantil, nota-se no entanto uma clara falta de informação e de material de apoio, a quem como eu, pretende saber mais ou até embrenhar-se mais seriamente na cultura moçambicana e africana e tentar perceber um pouco mais da vida da criança moçambicana. As obras existentes dizem respeito a autores recentes, Colonna (2012) e Barra (2015), contemplando já importantes perspectivas e informações relevantes para um estudo desta envergadura. Vários autores, incidem o seu estudo nas condições de vida destas crianças, bem como nas tarefas diárias a que constantemente estão “obrigadas. Contudo, os estudos feitos revelam-se ainda muito insuficientes para quem, tal como eu, perspectiva um estudo no continente africano.

Como forma de orientar e poder situar o meu trabalho, orientei a minha pesquisa inicial em autores como Ngonha & Castiano (2013) e Duarte & Rupia (2014), que, de uma forma sucinta, abordam o tema da educação em Moçambique, através dos quais foi possível conhecer também um pouco da história moçambicana, recuando à época colonial, a fim de perceber o contexto e levar um fio condutor que me situasse e ao meu trabalho também. Era portanto necessário compreender a história moçambicana, aprofundando o tema da educação na actualidade, para assim perceber por que regras se pautam os percursos escolares destas crianças, e saber o que poderia encontrar aquando da minha chegada a Moçambique. Autores como Ngonha & Castiano (2013), foram fundamentais nesta primeira etapa do meu estudo, pois desconhecia totalmente o

percurso escolar das crianças e toda a problemática que o envolve, nomeadamente a falta de transportes nos meios rurais, bem como a falta de escolas ou as condições degradantes em que estas se encontram. Esta realidade foi constatada aquando da minha entrada no bairro da zona verde. Uma vez residente do bairro, ficou claro perceber o cenário sobre o qual se desenrola o contexto escolar das crianças, concluindo-se que o país carece de infra-estruturas e de condições mínimas para que o percurso escolar destas crianças se possa realizar satisfatoriamente. Aliadas a todas estas dificuldades que não são mais do que barreiras ao sucesso escolar, Moçambique luta actualmente com outro desafio, no âmbito escolar, nomeadamente no que diz respeito à língua materna das crianças que ingressam na escola com a sua língua de origem e com a qual estão já familiarizadas e passam a conviver diariamente com o português, pondo de lado a língua que as distingue e as integra na sociedade a que pertencem. Neste aspecto, Duarte & Rupia (2014), foram autores que salientaram esta problemática na sua obra, alertando para os deveres que a escola e a sociedade moçambicana devem ter para que valores ancestrais sejam preservados, nomeadamente a língua, pois por ela se regem os padrões de uma comunidade. Igualmente importante neste percurso inicial foi a pesquisa *online* onde pude descobrir um arquivo de 2013, denominado “Internacionalização de Moçambique”, onde foi possível obter informações relevantes sobre a área total de Moçambique, bem como uma estimativa da população e seu percurso de crescimento económico. Outros autores como Moreira (2011) foram de extrema importância para este trabalho para que se pudesse perceber a realidade das crianças de rua e o papel das ONGS em Moçambique. A sua obra aborda a temática das crianças de rua e da sua problemática que as torna vulneráveis perante a sociedade que se confronta com este vaivém diariamente na cidade de Maputo e que o autor descreve como sendo “crianças pobres no lugar errado” (p.52). A sua obra gira essencialmente em torno das ONGS e o contributo prestado às crianças de rua. Estes programas previstos pelas ONGS e denominados de “ Street- based programs” (p.54), visam essencialmente reduzir a vulnerabilidade das crianças de rua, prestando-lhes o devido apoio enquanto estão na rua, dando-lhes alojamento à noite, para assim minorar o seu sofrimento, sendo que o seu objectivo passa pela retirada destas crianças da rua. Esta obra é importante para que se possa perceber o contexto de vida de uma parte substancial da vida das crianças Moçambicanas.

Depois de vencida e clarificada esta primeira etapa, em entender os parâmetros básicos que moldam a sociedade e a educação moçambicana, tornava-se necessário partir para o

meu foco principal de interesse e no qual assentava o meu propósito desta investigação – Os jogos, brinquedos e brincadeiras das crianças Moçambicanas. Nas pesquisas efetuadas na Universidade Pedagógica, este tipo de material era inexistente, encontrando simplesmente obras *online* através dos repositórios científicos, que assim me pudessem elucidar sobre esta temática. Uma peça fundamental neste estudo foi a obra Colonna (2012) docente na Universidade Eduardo Mondelane e minha co-orientadora durante a minha permanência em Moçambique. Este seu trabalho foi uma mais-valia para poder centrar o meu estudo. Colona, neste trabalho, dá muita ênfase aos direitos da criança e seu papel na sociedade Moçambicana, levantando a questão: “o que é criança?” (p.72) que gerou vários tipos de opiniões e resposta entre as pessoas da comunidade, uma vez que cada individuo perspectiva e interpreta de uma maneira diferente, daí as várias concepções de criança. Esta autora dá uma ênfase especial ao contexto de vida das crianças nos bairros e às rotinas que lhes prende o seu dia-a-dia. Nas rotinas diárias é descrito minuciosamente tudo aquilo em que a criança se ocupa, desde o acordar até ao anoitecer (p.200). Constatou-se o papel central da criança na vida familiar, complementando as tarefas domésticas (desde carregar água, varrer o quintal ou tomar conta dos irmãos), com as tarefas escolares, às quais dedica menos tempo. É igualmente abordado o papel importante da higiene da criança no processo de aceitação por parte das outras crianças e da sociedade, que discrimina aquelas que, por descuido dos pais, não demonstram os cuidados mínimos de higiene pessoal.

Igualmente importante para o meu estudo foi a obra de Barra (2015) “A infância na Latitude Zero”, que aborda igualmente o papel da criança africana em S. Tomé e Príncipe, dando uma especial ênfase aos jogos e brincadeiras destas crianças e à forma como são concebidos. A leitura deste trabalho permitiu-me perceber um pouco das brincadeiras das crianças africanas, uma vez que ainda estava no bairro há poucos dias e não dava para perceber se estas brincadeiras que agora observávamos eram práticas constantes no seu dia-a-dia ou como estas lhe preenchiam o seu tempo. A leitura detalhada de cada uma destas obras permitiu de certa forma fundamentar o meu trabalho, adquirindo noções e informações importantes sobre as crianças nas quais o meu estudo se insere. A par destes dois trabalhos, surgiu também o de Kishimoto (1994) “o jogo e a educação infantil”, ao qual dei especial importância pela relevância dada ao jogo e ao brinquedo e ao papel do jogo na vida da criança e na sociedade;” o jogo assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui” (p.108). Desta forma, de acordo com Kishimoto, o que para uma criança é um simples brinquedo, para outra ou

perante o olhar de um adulto fora daquele contexto poderá não o ser, dependendo portanto do contexto onde a criança se insere e do significado que a própria sociedade atribui ao jogo enquanto produção de conhecimento ou de valores para o crescimento da criança. Para Kishimoto o papel do brinquedo é diferente de brincadeira pois aqui não existem regras e a criança atribui-lhe o sentido e o uso que quer, embora o brinquedo seja antes de mais, uma representação do mundo real, do qual a criança se vai apropriando precocemente através das fantasias que nele incorpora. Desta forma, no ato de brincar, a criança” toma uma certa distância” (p113) da vida adulta e entra no seu mundo de fantasia. Da leitura do livro de Kishimoto fica a percepção clara da importância dos jogos para a sociedade em geral, que lhes atribui ou não a função de jogo mediante a importância e a finalidade para a cultura onde se desenvolvem, sendo que os brinquedos pressupõem uma série de características que permitem à criança perceber o desenrolar das rotinas dos adultos e apropriar-se destes conhecimentos, para produzir o seu próprio mecanismo de aprendizagem, embora de uma forma mais subtil própria desta idade.

Para finalizar, e não menos importante para este trabalho, contribuiu a obra de Silva (2011) no qual se refere a importância da socialização na construção da personalidade do indivíduo e a sua importância como elo entre as diversas gerações (p.83). A leitura desta obra tornou-se importante para perceber a perspectiva deste autor que parece ir de encontro à de outros anteriormente descritos, atribuindo ao jogo “a melhor maneira das crianças aprenderem tudo” (p.139). Todos estes autores dão ênfase ao papel da criança na sociedade onde se insere e todos parecem partilhar de uma ideia recíproca de encarar o jogo como meio lúdico e facilitador das aprendizagens, bem como dos brinquedos que para Kishimoto e Silva estão dependentes e interligados com a cultura em que a criança se insere, sendo produções inventadas ou reinventadas pelos principais atores deste processo.

Desta forma surgiu o interesse pelas culturas infantis, mais concretamente em perceber o que as caracteriza, as distingue e lhes deu origem. Para este conhecimento contribuiu a obra de Sarmiento (2007) ” Culturas Infantis e Interculturalidade”,

As culturas infantis devem ser encaradas, primeiramente, como um conjunto de saberes culturais e práticas infantis, englobando aqui toda a componente lúdica.

Na actividade lúdica, a criança afirma o seu eu por meio das relações entre pares, aprendendo a formular hipóteses e a tomar atitudes, resolvendo mais facilmente os seus conflitos. Para podermos entender as culturas da Infância, é imprescindível conhecer o

contexto social onde as crianças vivem e interagem. Neste processo, a escola ocupa um papel central, auxiliando na sua formação. Assim sendo, o conceito de culturas da Infância é interpretado por Sarmiento (2003) como "um cruzar das culturas sociais, estabelecidas nas relações desiguais" ou seja, a forma como as crianças dão significação ao mundo real, distinguindo-se claramente da significação dada pelos adultos. No seu texto "Imaginário e Culturas da infância", Sarmiento aborda esta temática das culturas, atribuindo-lhes a sua existência desde que existe infância, uma vez que são "socialmente produzidas" (p.4) e facilmente se alteram e renovam pelo contexto histórico que as encerra. A linguagem infantil, seus padrões sociais e forma de utilização entre as crianças, constituem o primeiro passo na diversidade das culturas infantis. Uma das primeiras manifestações das formas culturais esta presente nos jogos infantis que, são preservadas pelas próprias crianças como um legado cultural com o qual se identificam e são identificadas.

A cultura infantil pela sua complexidade tem provocado muitas discussões. Cohn (2005) afirma que:

(...) A cultura não está nos artefactos nem nas frases, mas na simbologia e nas relações sociais que as conformam e lhes dão sentido" (2005,p.20)

Assim, um texto, uma crença ou o valor da vida em família podem mudar, sempre que isso signifique que a cultura mudou ou se corrompeu. A cultura continuará existindo enquanto consistir esse sistema simbólico. Nesse sentido, estará sempre em formação e mudança.

Enquanto educadores, o nosso objectivo será primeiramente formar crianças criativas e críticas, daí a importância do quotidiano infantil onde a criança, através dos brinquedos e brincadeiras vai criando situações imaginárias, explorando os objectos, aprendendo a expressar-se e a construir o seu conhecimento. Desta forma, Coutinho refere:

(...) As manifestações infantis são provenientes de uma cultura própria das crianças. Suas expressões nas variadas linguagens, decorrem da relação com a cultura que as cerca, ou seja, com os bens culturais que a sociedade disponibiliza para elas. A representação de cenas do quotidiano pelas crianças expressando conhecimentos produzidos socialmente são reelaborados pelas mesmas em suas vivências, elas recriam situações já presenciadas e criam assim uma cultura infantil, pois como afirmam Sarmiento e Pinto: "As culturas infantis não nascem no universo simbólico exclusivo da infância, este universo não é fechado- pelo contrário, é, mais do que qualquer outro, extremamente permeável- nem lhes é alheia a flexibilidade social global. (2002 p.3/4).

Para Sarmiento & Pinto (1997), a cultura da infância exprime a cultura da sociedade onde está inserida. Na brincadeira, a criança transforma e amplia os conhecimentos

previamente adquiridos. No entanto, a forma como ela amplia esse conhecimento é muito diversificada, pois depende de experiências e possibilidades. A brincadeira é, sem dúvida, uma das principais actividades da infância. Durante as brincadeiras elas podem ser muito mais do que são, expressando as diferentes dimensões humanas, tornando-se crianças à sua moda.

Enquanto educadora de infância, verifico que nas suas brincadeiras as crianças transcendem a realidade, atribuindo outros significados aos objectos, recriando um mundo que é só seu, mas que muitas vezes o adulto não entende não deixando que esta manifeste a sua espontaneidade, criatividade e liberdade.

Na perspectiva de Agostinho (2003), podemos constatar:

(...) As crianças durante as brincadeiras davam outros sentidos e significados aos objectos, interagindo com eles de outro jeito, fugindo ao convencionalmente colocado, mas em outras ocasiões ou num momento seguinte utilizavam um objecto de forma real, demonstrando que a criança não se comporta de forma puramente simbólica no brinquedo. Assim, quando brincam, as crianças repetem e também inovam as acções esperadas pelos adultos. Nessa sua inovação, nesse seu outro jeito de se apropriar dos objectos, por vezes confrontam-se com a lógica adulta. (2003 p.80).

Embora haja uma série de características comuns nas culturas infantis, que são típicas da infância, existem outras que diferem: como a etnia das crianças, o género, o contexto social em que vivem ou ainda suas crenças religiosas. Assim sendo e na perspectiva de Coutinho (2002), podemos afirmar que tal como existem diferentes infâncias, também existem diferentes culturas da infância. Na perspectiva de Pinto & Sarmiento (1997) as culturas das crianças caracterizam-se por uma forte relação entre a fantasia e a realidade, entre o possível e o impossível, entre o presente e o imaginário.

Corsaro (1997) vê as crianças como sendo “responsáveis pela sua infância”, tendo portanto uma participação social bilateral ou seja; afectam e são afectadas pela sociedade. Desta forma, torna-se assim fundamental conhecer as crianças para melhor entendermos a sociedade, o que Pinto & Sarmiento (1997) salientam:

(...) O olhar das crianças permite revelar fenómenos sociais, que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso das crianças” (1997, p.25).

Segundo Vygotsky & Luria (1998) a brincadeira contempla uma série de elementos essenciais tais como; a imaginação, a imitação e as regras. Na sua perspectiva, sempre que a criança brinca cria uma situação imaginária imitando o comportamento dos adultos, encarando portanto a brincadeira como uma actividade cultural onde a criança

assimila as regras intrínsecas á sua cultura. Desta forma enquanto brinca ao faz de conta, a criança executa tarefas mais avançadas do que o normal para a sua idade. Esta mesma ideia é partilhada e defendida por Sarmiento onde refere que:

(...) A cultura de pares permite às crianças apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia. A convivência com os seus pares, através da realização de actividades e rotinas, permite-lhes exorcizar medos, representar fantasias e cenas do quotidiano que assim funcionam como terapias para lidar com experiências negativas” (2007, p.11).

Vygotsky & Luria (1998), definem a brincadeira como uma “ zona de desenvolvimento proximal”, processo através do qual a criança vai desenvolver e aperfeiçoar funções que mais tarde serão consolidadas. Para estes autores: “ No brinquedo a criança sempre se comporta além do comportamento habitual da sua idade, além do seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que é na realidade “.

. Na perspectiva de Pinto e Sarmiento as culturas das crianças caracterizam-se por uma forte relação entre a fantasia e a realidade, entre o possível e o impossível, entre o presente e o imaginário. As brincadeiras preenchem desta forma o quotidiano de vida da criança, sendo através delas que a criança compreende o quotidiano dos adultos e aprende a ver o mundo e a enfrentar os seus problemas. Esta perspectiva vai de encontro do que defende Corsaro (2002) que interpreta as brincadeiras das crianças como estando estritamente relacionadas com a visão que a criança tem do mundo, recriando portanto mais facilmente aquilo que vê. Esta importância dada ao jogo e à brincadeira parece ganhar sentido para todos estes autores que atribuem às crianças o papel de atores, providos de boa audição e visão para poderem recriar as actividades dos adultos. A cultura de pares Corsaro (1997), para além de ser vista como uma apropriação do mundo dos adultos, deve ser encarada primeiramente como uma forma de as crianças estabelecerem entre elas a sua própria comunicação, por forma a criarem elas próprias as suas rotinas. Assim sendo, torna-se claro a importância do ato de brincar, este processo de “diluição da infância” Sarmiento (p.20), tão importante para o desenvolvimento da criança, que desde os tempos mais remotos da civilização, todas as etapas da sociedade humana foram marcadas pelo brincar (Gomes, 2014), pelo que sempre manteve um lugar importante nas mais diversas culturas, isto porque com facilidade eram associadas a rituais ou então por mero divertimento. Portanto, as actividades lúdicas propriamente ditas são o pilar para a construção do conhecimento infantil, a vários domínios: desde o domínio cognitivo até ao social. Esta perspectiva é igualmente defendida por Sarmiento, referindo:

“Através da actividade lúdica, não só emerge a consciência dos outros e de si mesmo, como também se vai desenvolvendo um processo de unificação destas diferentes dimensões na consciência da criança. (1997, p.43).

Assim, a complexidade das brincadeiras infantis vai sendo estruturada e repensada em função daquilo que a criança é capaz de fazer naquele momento. Muitas dessas brincadeiras e jogos são pensados e criados astuciosamente pelas crianças pela necessidade de recriarem o mundo dos adultos à sua medida, apropriando-se desta forma de aquisições que serão consolidadas mais tarde. O jogo simbólico assume desta forma um papel central nas aquisições da criança que se vai preparando para a fase adulta, incorporando hábitos, atitudes e valores, bem como o sentido de partilha. Aliadas a todas estas aquisições que o simples brincar opera na criança, não se pode minorar a importância que eles têm ao auxiliar a criança a saber lidar e a resolver conflitos. O brincar poderá então ser entendido como um processo intrínseco que liga a criança à sua cultura, potencializando-a em termos de aprendizagem e sociabilidade, por forma a se constituírem elementos plenos da cultura a que pertencem. A brincadeira e o ato de brincar oferecem à criança um cardápio de amplas escolhas, onde a interacção com os pares no seu espaço de brincadeira contribuirá para o seu desenvolvimento emocional e intelectual. Kishimoto (s/d; p.107, 108) atribui ao jogo um sentido que vai de encontro ao contexto social uma vez que esse jogo só possui o sentido que cada sociedade lhe atribui:

“... o brinquedo metamorfoseia e fotografa a realidade, não reproduz apenas objectos, mas uma totalidade social” Kishimoto (1994, p.49).

Na cultura moçambicana constata-se claramente a presença de elementos provenientes da cultura dos adultos, nos percursos infantis das crianças que os foram moldando e aceitando, incorporando-os nas suas componentes lúdicas, como processo de aceitação das vivências do adulto, que a sociedade na qual se encontram teima em lhes impor.

Como é sabido, a realidade africana apresenta-se muito distante da realidade europeia e das zonas geográficas e dos países mundialmente dominantes. Essa realidade é dada a conhecer e nem sempre da melhor forma, sempre denotando uma realidade pobre, mas também onde o centro do problema reside essencialmente no bem-estar da criança: desde a escravatura ao abandono escolar ou o trabalho infantil. Infelizmente para essas crianças e adolescentes mais pobres a exclusão da educação é uma realidade, tornando-se nas denominadas “crianças de rua”. Estas crianças muitas vezes não têm acesso ao

sistema formal de educação, passando grande parte do seu tempo na rua. Muitas vezes isto está na origem do desejo da sua própria independência ou pela pobreza no seio familiar. Nas ruas mendigam, desenvolvendo actividades economicamente marginais. Esta imagem das crianças africanas é transmitida mediaticamente e por elas passa por certo o preconceito.

O desafio do séc.XXI para os Africanos é a própria África ou seja; o que querem eles com este vasto continente de línguas, religiões, etnias, cores, raças e manifestações culturais diversas. Assim o grande desafio da África para o séc. XXI, de acordo com Manjate, Bravo & Dimande (2012) diz respeito á forma como o continente dará condições efectivas de sobrevivência para a sua população, nomeadamente de conviver em paz, conquistando os seus direitos básicos. Assim “ os desafios desta camada da população” (Manjate, Bravo, & Dimande, 2012) será primeiramente ter livre acesso à liberdade de pensar e comandar o seu destino.

1.2 Metodologia

1.2.1 Desenho da investigação

A observação e pesquisa feita neste trabalho de terreno é de carácter etnográfico no âmbito do paradigma interpretativo- compreensivo, privilegiando o contacto directo e fundamental do pesquisador com as crianças (Corsaro W.A, 2002).

O trabalho de campo foi realizado entre Janeiro e Abril de 2015 em Moçambique e os dados obtidos na cidade de Maputo, mas em maior escala no bairro da zona verde, ponto central do estudo.

Dentro deste contexto foram realizadas diversas sessões de observação e interacção com as crianças no bairro acompanhando o seu quotidiano e rotinas, sendo registados em vídeo e fotografia momentos importantes de interacções e brincadeiras com as outras crianças a fim de melhor percebermos o ato de brincar da criança moçambicana.

De acordo com a metodologia utilizada e os dados de observação recolhidos, foram descobertos e classificados, mais de 30 jogos e brincadeiras diferentes, sendo-nos dado a conhecer quais as suas brincadeiras de eleição e quais os materiais que usam para construir os seus brinquedos. Todas estas crianças participantes da observação abarcam a faixa etária dos 3 aos 16 anos, sendo todos residentes no bairro da zona verde. Tendo em vista que o trabalho a desenvolver foi no terreno com observações em contexto real às crianças, a metodologia mais apropriada foi sem dúvida a qualitativa e etnográfica, com uma orientação participativa e visual. Os dados foram construídos a partir de entrevistas, observação participante, imagens, fotografias e vídeos e recolha de desenhos das crianças.

A pesquisa qualitativa é mais vantajosa, sem normas pré-fixadas, não há modelos fixos, nem tratamentos numéricos com carácter rígido. Assim, este estudo é uma ponte para a descoberta, sendo que os métodos etnográficos são muito vantajosos para o estudo da infância. Foi igualmente utilizado o *focus-group* com a finalidade de se poder aceder às percepções, atitudes, sentimentos e expressões das crianças de bairro.

Esta metodologia destinou-se fundamentalmente a criar pequenos grupos de crianças que participaram em conversas informais, sendo feitas algumas questões em torno de um tema específico. Esta é uma técnica extremamente poderosa, uma vez que fomenta as interacções entre os diferentes participantes, neste caso as crianças de rua. Desta forma, todas as crianças entraram fluentemente no diálogo umas com as outras, a fim de podermos perceber as atitudes e emoções de cada uma das crianças.

O contexto da investigação tornou propícias as visitas às crianças dos bairros e também nas ruas, a fim de poder entender a visão que estas crianças têm da escola e da família. Outras técnicas fizeram parte deste estudo tais como fotografias, vídeos, diário de campo. Foram ainda feitas algumas entrevistas informais ou semiestruturadas às crianças, por forma a compreender como preenchem o seu dia e com que tipo de actividades, escrevendo ou desenhando tudo o que mais gostaram de fazer naquele dia e do que menos gostaram, expressando os seus sentimentos, quer positiva quer negativamente para que possa assim haver uma maior aproximação e contacto recíproco.

Na perspectiva de encontrar respostas ao problema formulado em que esta investigação assenta, tentaremos clarificar algumas, questões de pesquisa, nomeadamente:

- a) Quais os jogos e brincadeiras mais comuns entre as crianças do bairro da zona verde
- b) O dia-a-dia das crianças do bairro
- c) Quando brincam as crianças
- d) Com quem brincam as crianças
- e) Como brincam as crianças

Tentaremos igualmente clarificar um pouco da história do Continente Africano, abarcando a sua diversidade Cultural que se encontra já “espalhada por todo o mundo (Silva, Costa & Junior 2013), salientando a importância do legado cultural deixado de pais para filhos no importante processo de transmissão das brincadeiras e jogos africanos.

CAPITULO II

Contexto de investigação

2.1 Moçambique, Maputo, Bairro da Zona Verde: Ser-se criança neste contexto

Moçambique situa-se na faixa sul-oriental do Continente Africano, entre os paralelos 10.27` e 26.52` de latitude sul e entre os meridianos 30.12` e 40.51` longitude Este. Ao Norte limita com a Tanzânia; ao Oeste com o Malawi, Zâmbia, Zimbabwe e Swazilândia e ao sul com a África do Sul.

A superfície do território Moçambicano é de 799,380km². O país está dividido em 11 províncias: Ao norte, estão as províncias de Niassa, Cabo Delgado e Nampula. No centro, encontram-se as províncias de Zambézia, Tete, Manica e Sofala e, ao sul, Inhambane, Gaza, Maputo província e Maputo cidade.

Moçambique é um país basicamente agrário, pois cerca de 70% da população vive no meio rural e a maioria dedica-se à agricultura. Além da agricultura, o país é muito rico em recursos naturais, uns ainda na fase de pesquisa e outros na etapa de arranque da sua exploração, destacando-se o gás natural e o carvão. É actualmente considerado como um dos países com uma economia de crescimento rápido na região. O *boom* energético vem confirmar que o país é rico em recursos naturais, sendo uma referência mundial em reservas de carvão e de gás natural, embora ainda não seja notório nas precárias condições de vida dos Moçambicanos.

2.1.1 Distribuição da população nas cidades de Maputo e Matola

A cidade da Matola estende-se por uma área de 375km², tendo uma população estimada de 424.662 habitantes, repartidos por três postos administrativos urbanos e 41 bairros. Esses três postos administrativos são: Matola, Machava e Infulene. O primeiro foi o que deu origem à cidade que recebeu o seu nome, sendo aqui que se encontra a parte mais antiga e mais urbanizada da cidade, assim como as principais e mais antigas infraestruturas económicas e sociais. É igualmente aqui que se encontra o governo municipal, bem como o governo da província de Maputo.

A cidade de Maputo, capital da república de Moçambique, ocupa uma área de 346,77km² tendo uma população superior a 1.018.998 habitantes.

2.1.2 Cultura Moçambicana, relações culturais e sociais – Quando ser pobre se torna uma identidade

Moçambique é um país de grande diversidade cultural, partilhando características comuns com outros países vizinhos tal como quase todos os países africanos.

Moçambique conseguiu finalmente a sua independência em 1975, contando actualmente com cerca de 43 idiomas, destacando-se significativamente o “Makua”, o “Tsonga”, “Shangaar”, “Sena”, “Lomwe”, “Chuwabu” e o “Nianja,” apesar da língua oficial ser o português.

Enquanto permaneci em Maputo e Matola tive a oportunidade de conviver com o idioma “Nianja” muito falado em casa pelos mais velhos oriundos de Tete convivendo igualmente com o idioma “Macua”, que tem as suas origens em Nampula. (Santiago 2012).

A pobreza por si só já reflecte a privação de um conjunto de bens e serviços que deveriam ser básicos na sociedade actual. Contudo, este conceito de pobreza é antes de mais definido pela sociedade desigual, que discrimina todas as pessoas nesta condição, associando a condição económica a rótulos discriminatórios, vendo-as como ignorantes, preguiçosas, sujas, irresponsáveis, violentos entre outros.

Este ponto de vista torna-se de marcadamente negativo pois dificulta a possibilidade destas pessoas deixarem de ser pobres (Abrantes & Katúmua 2014).

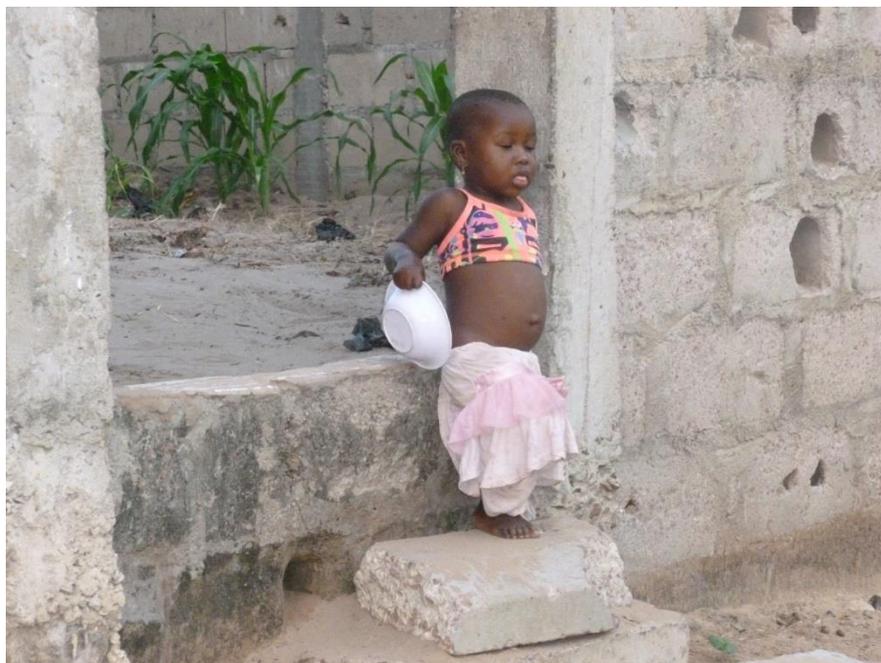


Figura 1 - Lado a lado com a pobreza

Fonte: Da autora

O processo de discriminação repercute-se inevitavelmente na educação sendo que o insucesso escolar é manifestamente mais alto nas crianças oriundas de meios pobres. Tem sido muito debatida e analisada a ideia pré-concebida dos professores acerca da proveniência dos alunos, as suas práticas pedagógicas para com estes alunos bem como as relações estabelecidas entre as escolas e as comunidades locais.

Em Moçambique generalizou-se a ideia que há uma desmotivação e desinteresse total pela escola por parte das famílias oriundas de meios pobres, não demonstrando qualquer interesse pela escolarização dos filhos. As famílias de classes médias altas, possuem valores e padrões culturais diferentes, mostrando um maior interesse pela escolarização de seus filhos, inculcando-lhes os seus valores sociais e culturais desde tenra idade (Costa 2007).

2.1.3 Maputo – cidade de contrastes

Maputo é a capital de Moçambique e a maior cidade deste país, contando com uma população que ronda 1`094`628 habitantes (INE, 1999).

Esta cidade viu a sua população crescer drasticamente no período da guerra que prevaleceu entre os anos de 1980 e 1990. Verificou-se então um grande fluxo nas migrações de refugiados internos que, por falta de condições económicas e de empregabilidade, enchem a cidade de Maputo à procura de melhores condições de vida, que lhe possam garantir subsistência para si e para a sua família.

O desenvolvimento sócio/político de Moçambique no período pós-colonial é marcado por períodos irregulares, com altos e baixos. Nos últimos 40 anos, Moçambique encontra-se em grande mudança a vários níveis e sectores: A passagem do colonialismo para a independência, bem como a mudança de uma economia planificada para uma economia de mercado, a transição do monopartidarismo para o multipartidarismo, bem como a mudança de uma situação de guerra para um processo de construção de paz.

Por outro lado, o desemprego, a marginalidade, a criminalidade e problemas sociais como o alcoolismo, a droga e a prostituição demonstram a realidade dos centros urbanos, ao mesmo tempo que a pobreza urbana atinge proporções extremamente graves. Desta forma, o crescimento da população na metrópole é visto com preocupação devido ao elevado número de pessoas que lá deambulam sem emprego, sendo os desempregados objecto de rotulagem e considerados muitas vezes como parasitas sociais e improdutivos.

Como resultado deste crescimento desmesurado da cidade, foram implementadas fortes medidas a partir de 1983 pelo presidente da Frelimo e da República, Samora Machel.

Desta forma notou-se uma mudança radical na cidade, onde as milícias populares conjuntamente com a polícia “varreram” da cidade a população excessiva que lá se encontrava sem emprego. Esta medida veio transformar radicalmente a vida das pessoas na cidade de Maputo, só podendo lá permanecer quem tinha emprego sendo que todos os restantes considerados como improdutivos teriam de abandonar a cidade e regressar aos distritos a fim de produzir alimentos para eles (Duarte & Rupia, 2014).

Actualmente, a população urbana dedica-se quase exclusivamente ao comércio local, onde vendem produtos locais do seu dia-a-dia, expostos em bancas de ferro enferrujado e cobertas de plásticos, vendo-se constantemente os vendedores ambulantes transportando pequenas carruagens de mão, carregadas essencialmente de cocos e bananas, muito abundantes na cidade de Maputo bem como nos bairros periféricos e muito procurados pela população em geral.



Figura 2 - Comércio local na cidade de Matola

Fonte: Da autora



Figura 3 - Comércio local na cidade de Bilene

Fonte: Da autora

A cidade de Maputo possui uma grande diversidade de estilos arquitectónicos, sendo, portanto, uma cidade de contrastes. Aqui podemos encontrar velhos edifícios muito degradados datando já da época colonial, ao mesmo tempo que encontramos, em paralelo com estes, outros edifícios renovados ou mesmo novos de enormes dimensões, destacando-se os hotéis espelhados e luxuosos da cidade ornamentados de grandes jardins. Maputo apresenta desta forma contrastes marcantes, onde a luxo e a pobreza se encontram porta com porta.

Quem percorre diariamente a cidade de Matola ou Maputo depara-se sempre com as mulheres trajadas com Capulanas que são a indumentária típica de Moçambique. As ruas das cidades são pintadas com as cores das capulanas das mulheres, transmitindo uma alegria inconfundível a que ninguém consegue resistir. As capulanas são feitas num pano grosso e ligeiramente áspero que o torna muito apreciado pelas suas características

e pela facilidade do seu uso diversificado. Estas capulanas assemelham-se a um “páreo” que em Portugal se usa nas praias ou à “canga” no Brasil. Estas capulanas de cores vibrantes depressa se transformam em lindas saias, bastando dar um nó que nunca mais se desfaz devido às características do tecido.

A capulana veste todas as classes sociais de Moçambique, sendo no entanto mais procurada pelas classes pobres, que as compram para vestir ou para carregar as crianças nas costas ou até mesmo como pano para se sentarem no chão.

Na classe média alta, essas capulanas são usadas de uma forma mais arrojada e sofisticada, fazendo com ela blusas, calças e lenços bem como outros adereços incluindo pulseiras e colares. No entanto, os homens procuram também este tecido para fazerem as suas camisas e calças.

Para além do vestuário, a capulana está presente em todas as fases da vida como o baptismo e o funeral, servindo ainda como elemento decorativo no interior das casas.

Segundo o relato de alguns moçambicanos, a capulana teve as suas origens na Índia, sendo muito frequente ver as mulheres indianas na cidade de Maputo, cobertas com elas. Contudo, segundo relatam documentos antigos, o povo português foi o responsável por este tecido se espalhar por África. A partir do séc. XVIII começa a importação do tecido que é usado de acordo com a categoria social de quem a veste, escolhendo uma cor específica para demarcar o seu estatuto na sociedade. Posteriormente ao ano de 1930 o uso da capulana generalizou-se em todo o território Moçambicano, perdurando durante séculos até à actualidade.

Maputo denota um crescimento económico e administrativo crescente, estando actualmente numa expansão significativa no que diz respeito a hotéis e apartamentos de luxo, bem como o hospital central de Maputo, construído no coração da cidade, obra essa a cargo de uma construtora civil portuguesa.

Nesta cidade de contrastes predominam as lindas árvores floridas que adornam as ruas da cidade tal como os enormes jardins dos namorados onde se encontram os campos de ténis mas que rapidamente se esbatem com as ruas de alcatrão partido, cheio de gigantescos buracos ou caminhos ainda de areia, onde permanece o lixo acumulado nas bermas dos passeios ou em grandes contentores lá depositados, como que esquecidos transbordando de lixo e moscas que lá se alimentam.

2.1.4 Bairros- o espelho de Maputo

Os bairros prevalecem fortemente na metrópole, sendo eles que dão a dinâmica à cidade; por outras palavras eles são a própria cidade. Grande parte da população dos bairros vai diariamente para a cidade para trabalhar, regressando aos bairros já no final da tarde.

O bairro da Machava foi anteriormente um bairro periférico da cidade da Matola, com uma função industrial importante, onde residiam essencialmente as classes médias e médias baixas.

O bairro do Infulene surge a partir de outros bairros que se foram desenvolvendo em volta de três pontos cruciais: a cadeia, o estádio de futebol e a margem direita do vale do Infulene.

Todos estes bairros são na sua constituição bairros muito precários que recebiam a população imigrante com poucos recursos económicos. Devido às suas características demográficas é o bairro da Matola que possui o maior peso demográfico (41,4% da população de toda a cidade).

A cidade da Matola apresenta de forma bem explícita três realidades ou subespaços com características bem definidas e que por isso tantos desafios colocam ao planeamento e gestão urbana. Um destes espaços é constituído por bairros que têm uma densidade superior à média da cidade (3.000 e mais hab/km²).

É maioritariamente no bairro da Matola e também no do Infulene onde se localizam os dois bairros com maior densidade de toda a cidade. Contudo predominam ainda os bairros que têm densidades populacionais típicas de áreas rurais, com menos de 200hab/km². O bairro da Matola não possui nenhum desta categoria (Araújo, 2012).

A cidade de Maputo ocupa uma área de 346,77km². Os bairros mais populosos (mais de 30 mil habitantes) situam-se nos distritos urbanos mais pobres, tais como o bairro da Polana, Caniço e Benfica. Em contrapartida, existem 7 bairros com menos de 10 mil residentes, como são o caso de Minkadjuine e Albasine. Estes bairros dizem respeito a elites ou serviços e são de construção recente ou então são bairros da periferia com uma ocupação ainda bastante dispersa.

Na cidade existem 5 bairros, todos eles localizados na periferia urbana, tendo uma construção do tipo horizontal feitos com material local. As características de ocupação e de construção assemelham-se muito ao mundo rural, isto também devido às actividades

económicas dos seus moradores. Muitas dessas habitações, denominadas de palhota,¹ são construídas de forma rudimentar levantadas com blocos de cimento e estocadas posteriormente com barro da parte de fora, sendo o telhado coberto por “capim²”, “caniços” ou “bambu”.



Figura 4 - Casa tradicional moçambicana feita de pau apiki

Fonte: Da autora



Figura 5 - Casa tradicional moçambicana feita de pau apiki

Fonte: Da autora

¹ Casa típica Moçambicana, de construção muito rudimentar

² É uma espécie de palha ou colmo mas significativamente mais grosso e resistente que serve de telhado e caracteriza a casa tradicional Moçambicana

2.1.5 Educar em Moçambique: Com que perspectivas e ideais?

Em Moçambique muito se debateu em torno da educação, onde Samora Machel defendeu sempre não só a escolarização das crianças mas a «massificação» da educação, englobando não só as crianças mas também todos os adultos (mulheres, homens e idosos). A educação passa a ser reivindicada como um direito de todos os cidadãos, na igualdade de oportunidades para todos. Contudo, para que esta massificação da educação pudesse abranger toda a população era crucial aumentar a rede escolar sobretudo nas zonas rurais onde era problemática a falta de escolas. Entre 1975 e 1977 houve realmente um aumento da rede escolar, porém muito aquém daquilo que havia sido prometido, não havendo um equilíbrio de oferta nas diferentes regiões do país.

Moçambique comprometeu-se a cumprir as metas que haviam definido para a educação, ou seja que até 2015 todas as crianças em idade escolar tenham acesso à educação formal e terminem o ciclo completo ou seja até à sétima classe. Porém, poucos mecanismos existem para se avaliar o desempenho da educação, baseando-se somente nos relatórios publicados pelos organismos internacionais (UNESCO, UNICEF, PNUD, SIDA, FINIDA, GTZ) que operam em Moçambique (Ngonha & Castiano, 2013).

Em qualquer parte do mundo, a educação deve adequar-se aos valores socioculturais e ao grupo de indivíduos que fazem parte dessa sociedade. Em Moçambique, a educação baseou-se muito nos padrões ocidentais, o que se tornou prejudicial para a educação deste país. Isto não significa que Moçambique se isole do resto do mundo nem de outros valores culturais, até porque o *mix* cultural é importante para a criação de novas alternativas na educação moçambicana. Desta forma, Sarmiento refere:

“... A escola torna-se, cada vez mais acentuadamente, o palco de trocas e disputas culturais” (2004, p.3).

Assim, o que deveria ser considerado como objectivo do processo educativo acaba por não se verificar, dado não ser antecipadamente definido, regendo-se por outros padrões culturais que não os seus. Perante este facto, o sociólogo Boaventura Sousa Santos fala de “Epistemícidio cultural” em Moçambique que dura até hoje. Na escola moçambicana nota-se uma ausência de elementos culturais importantes que a criança aprende no contexto familiar e quando chega à escola é obrigada a esquecer: elementos tão marcantes da sua infância como a língua materna, que define e rege os padrões de uma comunidade. Assim ao nível da educação, devem ser criados valores assentes em

saberes locais que fomentem o desenvolvimento da educação em Moçambique. (Duarte & Rupia 2014).

CAPITULO III

Práticas de brincadeira das crianças moçambicanas

3.1 A entrada no terreno da investigação

A perspectiva de um estudo por terras de África tornou-se mais consistente durante o primeiro ano de estudos de Mestrado, onde o objectivo principal e que se tornava pertinente responder prendia-se com o desconhecido sobre a infância no contexto africano e como ela era vivida pelas crianças moçambicanas. Formando a possibilidade de que o que poderia encontrar se assemelhasse em parte à realidade europeia, não bastava para satisfazer os requisitos que a profissão de educadora de infância teimava em querer explorar. Consciente das dificuldades que um estudo desta envergadura poderia acarretar, tornava-se pertinente repensar posições, tomando as decisões certas para que uma vez no terreno tudo se pudesse concretizar da melhor forma possível. Não bastando somente a força de vontade, havia a necessidade de deixar tudo antecipadamente bem definido, passando esta etapa por longos telefonemas e *emails* que pudessem assegurar uma viagem de 3 meses e que comportassem entre outros aspectos tão importantes como a logística e deslocações pela cidade e no bairro onde se centraria o estudo. O bairro da Zona Verde, situado na cidade de Matola, surgiu como referência pertinente para o estudo uma vez que seria aí o local de estadia durante os três meses de permanência na cidade da Matola.

Este objectivo foi repensado durante longos meses, procurando ir de encontro a outras culturas, outros olhares e pontos de vista como seria perfeitamente espectável quando nos deixamos embrenhar por uma cultura diferente. Este pensamento vai de encontro às linhas em que Sarmento fala da infância e das culturas, referindo:

“... Com efeito, a infância deve a sua diferença não à ausência de características (presumidamente) próprias do ser humano adulto, mas à presença de outras características distintivas que permitem que para além de todas as distinções operadas pelo facto de pertencerem a diferentes classes sociais, ao género masculino ou feminino, a seja qual for o espaço geográfico onde residem, à cultura de origem e etnia, todas as crianças do mundo tenham algo em comum” (2007 a, p.24).

3.1.1 Do pensar ao agir: Partida para Moçambique / o primeiro impacto

Esta viagem ao continente Africano nomeadamente a Moçambique foi programada e pensada durante vários meses. Esta viagem a Moçambique encontra o seu fundamento essencialmente na procura de novos brinquedos e brincadeiras, abarcando um objectivo muito claro: o de conhecer a realidade africana e o ser criança neste contexto, tentando encaixar estas perspectivas no papel de educadora de infância, a fim de poder ter um horizonte mais global sobre os brinquedos e a infância nas diversas culturas.

Depois de reunidas todas as condições para a viagem e estadia pelo período de três meses, foram marcadas algumas visitas a alguns bairros de Maputo com a pró-reitora da Universidade Pedagógica a fim de melhor compreender e comparar as variações das brincadeiras entre os bairros. Contudo o âmbito da investigação cingiu-se somente ao Bairro da Zona Verde pelas suas elevadas dimensões.

Algumas das visitas agendadas aos jardins-de-infância contaram com o apoio de professoras da Universidade Pedagógica e educadoras de infância locais, bem como directores do ensino, tendo igualmente o apoio do assessor do ministério da educação para uma visita mais pormenorizada a algumas cidades de Moçambique.

A chegada ao bairro foi muito inquietante para as crianças que mostravam perplexidade perante a observadora branca. No dia seguinte encontravam-se já algumas dezenas de crianças ao portão da casa da observadora, que porventura mal dormiram para saber o que ali fazia aquela adulta. Depois de satisfazer toda a curiosidade das crianças e dos bons dias de todos, rapidamente se apresentaram e aos irmãos mais novos que traziam ao colo. A Otilia, como era uma das crianças mais velhas, resolveu convidar a observadora a fazer uma visita pelo bairro. Neste percurso pelo bairro, a Otilia apresentava alegremente a sua nova “tia” a todas as famílias do bairro, parando inclusive nas “machambas” para chamar os vizinhos e lhes contar, enquanto uma dezena de crianças corriam atrás das duas para as poder acompanhar e não perder de vista a observadora, saltando descalças nas poças de lama existentes na terra batida do bairro.

Para a observadora tudo era novidade e descoberta, enquanto para as crianças aquele passeio pelo bairro já constituía por si só uma excelente brincadeira que as estava a empolgar.

Aos saltos e a correr pelo bairro, algumas crianças subiam os muros e pulavam para os quintais dos vizinhos para chamar os amigos ou as “tias” como eles chamam às pessoas mais velhas. A admiração da observadora era total não só pela diferença marcadamente notória do continente africano para o europeu, mas sobretudo pelas brincadeiras das crianças penduradas nas árvores, onde haviam metido cordas para se baloiçarem.

Ao grupo inicial que nos acompanhava iam-se juntando aqui e ali mais duas ou três crianças que nos vinte minutos de passeio pelo bairro, chegaram quase às duas dezenas. Ficava sempre a promessa de se encontrarem ali no dia seguinte depois das aulas para mais um passeio pelo bairro para que a observadora pudesse presenciar e participar das suas brincadeiras e se possível “tirar fotu” que desconheciam por completo.

3.2 Grupo de crianças participantes desta investigação

Inicialmente foi delineado como objecto de estudo um grupo de cerca de 20 a 30 crianças que compreendessem a faixa etária dos 2 aos 16 anos. Pouco tempo depois, constatou-se que o objectivo inicial não seria viável uma vez que os grupos de crianças são menos numerosos, sendo normalmente compostos por 10 a 15 elementos ou por vezes menos. Uma vez que as crianças do bairro brincavam em grupos numerosos e dada a sua proximidade geográfica da residência da observadora traçou-se logo ali o trabalho a fazer e o grupo de crianças que iriam fazer parte desse estudo. Optou-se desta forma por focar o estudo em 15 crianças do bairro que residiam umas perto das outras e da observadora com as quais eram mantidos contactos diários.

A maioria das crianças deste grupo tem entre 3 e 16 anos de idade e um grau de parentesco muito próximo com mais duas ou três delas, tornando-se mais fácil a partilha na hora da brincadeira e um apoio fundamental para a observadora melhor e mais rapidamente as conhecer. Devido ao tempo reduzido de permanência no bairro, tornou-se importante e crucial contactar diariamente com essas crianças para que se pudesse entrar na sua vida e rotina diárias e perceber um pouco do que é ser criança no contexto africano. Porém, torna-se difícil contabilizar o número certo de crianças participantes neste estudo, dado que a curiosidade atraía diariamente novas crianças ao grupo em contexto de estudo, sendo que muitos deles traziam sempre mais um ou dois amigos no dia seguinte para brincar e dar a conhecer a nova residente do bairro.

Depois da entrada no terreno de investigação, tornava-se imprescindível captar o maior número de elementos possíveis, que pudessem dar resposta às questões inicialmente formuladas e que se prendiam com a sua estadia ali no bairro.

Será portanto pertinente conhecer primeiramente a realidade das crianças, o seu contexto de vida, bem como os locais habituais de convívio e interacção entre pares, para que posteriormente pudéssemos ser bem aceites no “seu espaço” e aí pudéssemos aprender a partilhar em conjunto as nossas experiências, transpondo um pouco de nós mesmos, a fim de o podermos cruzar culturas tão distintas.

Este processo de aceitação por partes das crianças foi rápido, até pela capacidade da adaptação que lhe é inata, bem como pela curiosidade que naquele momento as movia e as levava a querer conhecer um pouco mais da vida daquela desenhadora que havia entrado “no seu mundo” (Thandy 10anos). As crianças demonstraram desde o início, uma forte ligação com a observadora, procurando sempre alcançarem sempre a máquina fotográfica, para que também eles pudessem fotografar-se mutuamente, dado que era a

primeira vez que contactavam com uma. Por vezes as brincadeiras sofriam interrupções, imediatamente após a entrada da observadora no seu contexto de acção, isto porque queriam a máquina para se fotografarem ou fazerem eles próprios os vídeos. A este misto de curiosidade e também de aceitação, juntava-se a vontade do país e também de outros adultos que por ali passavam para que também eles pudessem “aparecer em Portugal”, como bem diziam.

3.3 Apresentação dos episódios

A partir daqui, e com o consentimento do país, tornou-se importante para o contexto desta investigação, fazer o registo em vídeo e em fotografia, do maior número de momentos de interacção entre o grupo visado, bem como as suas brincadeiras de eleição, as suas formas de jogar e partilhar o pouco que tinham, e como desenvolviam desta forma a sua aceitação no grupo e o seu processo nato de socialização.

Surgiram desta forma os episódios que abaixo serão fiel e minuciosamente transcritos, para que nenhum momento ali vivido, pudesse ser menosprezado, servindo estes de “Segunda vivencia “ para quem os possa vir a ler. O conceito do episódio é por si só bastante abrangente.

Na medida em que se torna parte de um dado momento, em determinada fase da vida de outrem e que se urge em ser partilhado. Nesta perspectiva, estes episódios, são momentos de partilha e vivências únicas, que se foram desenrolando ao longo de 3 meses, em contacto real, directo e diário, com os maiores intervenientes e visados de todo este processo que são as crianças. Da filmagem destes episódios, resultaram momentos espontâneos de brincadeiras e interacção onde saberes foram partilhados e outros aprendidos com o grupo de crianças deste estudo. Ao longo dos 3 meses, vários registos em vídeo foram realizados, para uma maior percepção do dia-a-dia e dos seguintes jogos e brincadeiras de eleição. Desse “apanhado de momentos” ficam aqui os principais que visam esclarecer um pouco do que é ser criança no contexto africano. Por vezes e na impossibilidade de registo em vídeo, optou-se pela fotografia. Esta decisão prendia-se exclusivamente com a falta de segurança em determinados locais do bairro, o que tornava impossível permanecer muito tempo nos mesmos locais. Alguns dos vídeos registados desta forma têm uma duração muito reduzida, impossibilitando portanto que outras observações começadas pudessem ser terminadas.

Por outro lado, a hora tardia que ditava os momentos da brincadeira condicionava as filmagens, até pelo anoitecer rápido que ocorria sempre a partir de 17 horas. Deste enumerado de episódios registados em vídeo ficam momentos elucidativos do quadro infantil africano.

Outros mais haveria para captar, sendo dignos de registo mas na impossibilidade de os registar em vídeo, ficam registados em fotografia e em entrevistas com as crianças.

Independentemente da forma de como tantos momentos de interacção foram registados, trilhou-se um caminho, no sentido de criar a ponte entre culturas distintas entre si.

Deste “apanhado de momentos” que foram possíveis ao longo de três meses, fica o registo da maior parte das brincadeiras que contemplaram o universo lúdico destas crianças, perspectivando sem dúvida outra realidade a quem com elas pode aprender outras formas de encarar as brincadeiras e os jogos mais tradicionais.

Na tabela abaixo apresentada, são enumerados os episódios, bem como o número de crianças que participaram em cada um destes registos efectuados em vídeo, para que possam ser clarificados os momentos de ludicidade entre as crianças moçambicanas bem como os horários em que estas brincadeiras aconteceriam.

Tabela 1 – Episódios, por data e participantes

<i>Número do Episódio</i>	<i>Título do Episódio</i>	<i>Data e hora</i>	<i>Participantes</i>	<i>Duração do Episódio</i>
<u>Episódio 1</u> <u>P1040930</u>	Realização de uma festa de aniversário com matopi	09/03/2015 16:20 H	12 Crianças envolvidas com idades entre os 6 e os 12 anos	00:01:26
<u>Episódio 2</u> <u>P1040948</u>	Fazer buracos na areia para refrescar os pés	09/03/2015 16:29 H	15 Crianças envolvidas com idades entre os 2 e os 10 anos	00:02:11
<u>Episódio 3</u> <u>P1050397</u>	Como construir uma moto?	25/03/2015 16:19 H	Uma criança envolvida com 8 anos de idade	00:03:03
<u>Episódio 4</u> <u>P1040955</u>	Baloço na árvore de corda e ferro	10/03/2015 16:11 H	3 Crianças envolvidas na brincadeira com idades entre os 8 e os 10 anos	00:01:56
<u>Episódio 5</u> <u>P1040980</u>	Brincadeira de lançar papagaios de papel	16/03/2015 15:20 H	2 Crianças envolvidas com 8 anos de idade cada uma	00:01:29
<u>Episódio 6</u> <u>P1050229</u>	Fantasiando brinquedos com chinelos e areia	17/03/2015 15:02 H	4 Crianças envolvidas entre os 2 e os sete anos	00:10:52
<u>Episódio 7</u> <u>P1050236</u>	Brincando com latas de leite em pó vazias	18/03/2015 11:24	3 Crianças envolvidas com idades entre os sete anos	00:02:34
<u>Episódio 8</u> <u>P1040975</u>	Construção de casas com matopi	13/03/2015 15:48 H	3 Crianças envolvidas com idades entre os 7 e os oito anos	00:06:15
<u>Episódio 9</u> <u>P1040268</u>	Terminando a tarefa de construir um carro	08/02/2015 16:47 H	2 Crianças envolvidas com idades entre os 10 e os 11 anos	00:01:16
<u>Episódio 10</u> <u>P1040115</u>	Brincadeira de saltar nos pneus	01/02/2015 16:56 H	4 Crianças envolvidas com idades entre os 6 e os 10 anos	00:03:19

<u>Episódio 11</u> <u>P1040486</u>	Jogo das tampinhas	17/02/2015 11:27H	5 Crianças envolvidas com idades entre os seis e os 9 anos.	00:04:53
<u>Episódio 12</u> <u>P1040117</u>	Brincadeiras ao ar livre	01/02/2015 17:02H	Cerca de 10 crianças envolvidas com idades entre os 2 e os 10 anos	00:10:49
<u>Episódio 13</u> <u>P1040142</u>	Brincando com tampinhas “di côr”	03/02/2015 11:28H	4 Crianças envolvidas com idades entre os 6 e os 9 anos	00:05:12
<u>Episódio 14</u> <u>P1040442</u>	O jogo do Zoto	15/02/2015 12:17H	Cerca de 17 crianças envolvidas com idades entre os 6 e os 14 anos	00:02:14
<u>Episódio 15</u> <u>P1040688</u>	Saltar ao elástico	02/03/2015 15:55H	3 Crianças envolvidas com idades entre os 12 e os 13 anos	00:00:38
<u>Episódio 16</u> <u>P1040801</u>	Visita à praia de Bilene	07/03/2015 15:40H	3 Crianças envolvidas com idades entre os 9 e os 11 anos	00:03:31
<u>Episódio 17</u> <u>P1050251</u>	Trepando às árvores	18/03/2015 11:40H	2 Crianças envolvidas com 7 e 8 anos	00:01:29
<u>Episódio 18</u> <u>P1050333</u>	Fazer anéis com papéis de Kibom	21/03/2015 10:59H	1 Criança envolvida na actividade com 12 anos de idade	00:03:31
<u>Episódio 19</u> <u>P1050326</u>	Preparação para o jogo N`chuva	21/03/2015 10:31H	2 Crianças e um adulto envolvido com idades entre os 12 e os 20 anos.	00:02:41
<u>Episódio 20</u> <u>P1050331</u>	O jogo N`chuva	21/03/2015 10:49H	1 Criança e 1 adulto envolvidos com 12 e 20 anos de idade	00:04:18
<u>Episódio 21</u> <u>P1050335</u>	Fazer barcos de papel e jato	21/03/2015 11:03H	Cerca de 6 crianças envolvidas com idades entre os 11 e os 14 anos	00:03:30
<u>Episódio 22</u> <u>P1050398</u>	Corrida de pneus	25/03/2015 16:25H	3 Crianças envolvidas com idades entre os 7 e os 10 anos de idade	00:00:43
<u>Episódio 23</u> <u>P1050401</u>	Desfile de carrinhos de arame	25/03/2015 16:27H	3 Crianças envolvidas com 9 anos de idade	00:00:51

<u>Episódio 24</u> <u>P1040705</u>	Guerra de coquinhos	03/03/2015 14:20H	5 Crianças envolvidas com idades compreendidas entre os seis e os 9 anos de idade.	00:01:46
<u>Episódio 25</u> <u>P1040498</u> <u>e</u> <u>P1040509</u>	Visita ao centro Social de Mireme	23/03/2015 08:44H 08:56H	Cerca de 40 crianças envolvidas, com idades compreendidas entre os 5 e os seis anos de idade.	00:01:07 00:02:04
<u>Episódio 26</u> <u>P1050199</u>	Limpando os quintais antes de ir para a escola	17/03/2015 08:17H	1 Criança envolvida com 8 anos de idade.	00:00:49
<u>Episódio 27</u> <u>P1040930</u>	Brincadeiras de faz de conta	09/03/2015 16:20H	Cerca de 12 crianças envolvidas, com idades compreendidas entre os 4 e os 12 anos	00:01:26
<u>Episódio 28</u> <u>(só em foto)</u>	Brincando com cinza	31/01/2015 14:07H	Três crianças envolvidas com idades entre os seis e oito anos	-----
<u>Episódio 29</u> <u>P1040146</u>	Jogo da matakosana	03/02/2015 11:57H	Cerca de 5 crianças envolvidas com idades compreendidas entre os sete e os 9 anos	00:09:51
<u>Episódio 30</u> <u>P1050267</u>	Encontrar a pilha	18/03/2015 12.14H	Duas crianças envolvidas com 8 e 9 anos de idade	00:07:19
<u>Episódio 31</u> <u>P1050297</u>	Dança da marrabenta	20/03/2015 14:55H	Cerca de 20 crianças envolvidas com idades compreendidas entre os 8 e os 15 anos de idade	00:04:01
<u>Episódio 32</u> <u>P1040191</u>	Cozinhando com mechas	07/02/2015 17.30H	Cerca de 4 crianças envolvidas, com idades entre os 4 e os 7 anos de idade.	00:01:41
<u>Episódio 33</u> <u>P1050276</u>	Brincar de camião vai passá	19/03/2015 08:54H	Duas crianças envolvidas, com idades de sete anos de idade.	00:00:45
<u>Episódio 34</u> <u>(só em foto)</u>	Brincar às escondidas Ntobeluani	09/03/2015 16:36H	Cerca de 7 crianças envolvidas com idades entre 5 e 10 anos de idade.	-----
<u>Episódio 35</u> <u>P1050329</u>	Elaboração de uma bola de futebol	21/03/2015 10:35H	Cerca de 6 crianças envolvidas com idades entre 8 e 10 anos de idade.	00:09:38

Muito para além das brincadeiras tradicionais encontradas no bairro, foram observadas as práticas diárias de jogos no quotidiano destas crianças. Elas preenchem grandemente as suas brincadeiras sendo escolhidos pela sua versatilidade e capacidade de englobar grupos numerosos de crianças como sempre se verificava na maioria dos jogos ali praticados. Desta panóplia de jogos aqui encontrados, considerou-se relevante subdividi-los por categorias a fim de os poder enumerar e classificar com mais facilidade e também para poder perceber quais os eleitos pelas crianças do bairro. A tabela que abaixo é apresentada contempla toda a série de jogos observados e registados em fotografia e vídeo, bem elucidativos do lúdico no contexto moçambicano.

Os jogos de cálculo aqui identificados, fomentam a imaginação e poder criativo da criança, ao mesmo tempo que a preparam para encontrar outras formas alternativas de os poder realizar. O jogo n`chuva é disso mesmo exemplo, exigindo grande capacidade de raciocínio da criança, possibilitando-lhe uma versatilidade maior na forma de ser jogado. Todos os jogos de expressão motora permitem à criança expressar-se através do corpo, como forma de o conhecer melhor e de se expressar a si e aos seus interesses. Desta forma, a criança liberta-se ainda que por momentos, do seu verdadeiro eu para encarnar a personagem com quem mais se identifica naquele momento e que povoa o seu imaginário. Estes jogos de expressão motora permitem à criança “ expressar-se corporalmente” permitindo perceber um pouco das suas inquietudes ou frustrações.

Os jogos de perícia e astúcia exigem da criança uma boa coordenação física, bem como uma boa coordenação mental, principalmente ao nível do raciocínio lógico-matemático. Verificou-se isso mesmo no jogo das tampinhas que diariamente era jogado no bairro. Neste jogo cada criança fazia-se valer do seu talento natural para lançar a tampa o mais próximo da linha definida, enquanto controlava de certa forma o número de tampas que cada um possuía e sua posição no jogo. Outros jogos, igualmente referenciados na tabela seguinte, dizem respeito aos jogos de concentração e memorização que se complementam no quadro lúdico da brincadeira infantil, uma vez que estimulam não só o pensamento lógico da criança, bem como a atenção e orientação espacial. Os jogos quando envoltos em regras, desempenham um papel crucial para o crescimento e amadurecimento psicológico e social da criança. Todos os jogos enumerados na tabela seguinte possibilitam á criança uma diversidade de escolha, através dos quais ela vai construindo as suas representações, ajudando-a a exteriorizar e expressar o seu ponto de vista.

Tabela 2 - Jogos observados no bairro da zona verde

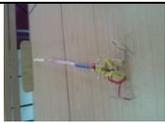
<u>Jogos de cálculo</u>		
N º chuva	Jogo tradicional com pedrinhas	Episódios 19/20
Matakosana	Jogado com pedrinhas e um mugungo	Episódio 30
Neca	Jogado com quadrados e números escritos no chão	Sem suporte visual
<u>Jogos de expressão</u>		
Jogo do elástico	Jogado com um elástico colocado nas pernas	Episódio 15
Jogo do zoto	Jogo de comida semelhante á apanhadinha	Episódio 14
Ntobeluani	Jogado por muitas crianças que consiste em se esconderem e alguém encontrar	Episódio 35
Matuete	Jogado por várias crianças, sendo que 1 delas venda os olhos com uma fita e procura cada uma delas	Sem suporte visual
Tanqui di guerra	Semelhante jogo do Zoto e que consiste em apanhar as adversários	Sem suporte visual
Jogo da Xeia	Jogado com uma bola e uma garrafa que se enche de areia e que a garrafa que a garrafa estiver cheia passa a vez a outro	Sem suporte visual
Jogo do Mata	Semelhante ao Zoto, e que consiste em apanhar o colega	Sem suporte visual
<u>Jogos de Perícia e astúcia</u>		
Jogo do Berlinde	Jogado com berlindes no chão no chão a ver quem atira mais longe	Sem suporte visual
Jogo da tampinha	Jogado com tampas e garrafas e uma curva traçada no chão, tendo por adjectivo ver quem atira mais longe	Episódio 11
Jogo da cobrinha	Jogado com tampinhas de garrafa e berlindes	Sem suporte visual
Jogo “fica no meio”	Jogo da roda onde e criança fica no centro da roda e escolhe outra e assim sucessivamente	Sem suporte visual
<u>Jogos de memorização</u>		
Lápis de Borracha	Jogo de palmas, jogado entre 2 crianças de cada vez	Sem suporte visual
A filha do meu professor	Jogo de palmas, jogado entre 2 crianças de cada vez	Sem suporte visual
Joaninha	Jogo de Palmas jogado em roda com várias crianças	Sem suporte visual
Turma 12	Jogo de roda, batendo palmas e batendo nas costas pernas	Episódio 12
<u>Jogo de concentração</u>		
Jogo de lenço	Jogado com as crianças sentadas em roda e um tem de apanhar o lenço e fugir	Episódio 25
Jogo da roda	Jogado de pé com as crianças em roda, e vão perguntando quem quer casar	Episódio 25
Jogo das Latas	Jogo de arremesso de latas pela areia, a ver a que chega mais longe, com a finalidade de se encontrar um vencedor	Episódio 7

Os brinquedos encontrados no bairro são praticamente inexistentes, quando nos referimos a brinquedos comprados. O quadro infantil moçambicano parece privilegiar as brincadeiras como prática social e imprescindível na transmissão de saberes e valores dos mais velhos para os mais novos. Contudo os pais vão igualmente transmitindo aos filhos as práticas necessárias para a construção de alguns brinquedos (como carros e motos), que vão sendo posteriormente aperfeiçoados pelas crianças com o aguçar do engenho.

Na tabela seguinte são enumerados alguns dos brinquedos mais comuns no bairro e mais apreciados das crianças e que por esse motivo, aparecem com suporte digital (foto), para melhor serem compreendidos e interpretados, atendendo aos termos usados pelas crianças para os caracterizar.

Tabela 3 – Brinquedos observados no bairro da zona verde

<u>Com recurso da Natureza</u>		
<u>Pistolas de Caniços</u>	Feitas com paus de caniços e bambu	
<u>Caneca de coco</u>	Caneca para recolher água, feitas com cascas dos cocos	
<u>Timbila</u>	Instrumento musical feito com pedaços de madeira velha	
<u>Pulseiras</u>	Feitas com folhas de bananeira	Sem registo fotográfico
<u>Com desperdício</u>		
<u>Carrinhos</u>	Carros feitos com arame, latas de refrigerantes e caniços	
<u>Bola de Futebol</u>	Feita com Plásticos velhos enrolados e atados com fios retirados de sacos de batatas	Só em vídeo

<u>Viola</u>	Feita com latas de azeite e bocados de madeira e fio	
<u>Anéis de Kibom</u>	Feitos com papéis metalizados dos doces e rebuçados	Só em video
<u>Moto</u>	Feita com arame e tampas de plástico	
<u>Barcos de papel e jatos</u>	Feitos com papéis velhos e outros materiais que as crianças vão encontrando na areia.	
<u>Latas velhas e recipientes sem uso</u>	Materiais que as crianças encontram ou trazem de casa para brincarem ao faz de conta.	
<u>Recipientes de óleo</u>	Depois de cortados ao meio, servem de carros improvisados para as crianças brincarem.	
<u>Latas de leite em pó vazias</u>	Muito usadas pelas crianças nos Jogos de equilíbrio e destreza motora.	
<u>Carrinhos feitos com caixas de fósforos e arame</u>	Este é um dos brinquedos mais observados no bairro e que as crianças realizam sozinhas.	
<u>Brinquedos de associação matemática</u>	Realizados para as crianças para poderem realizar os primeiros cálculos matemáticos.	
<u>Jogo de cálculo</u>	Elaborado a partir de canas de bambu, desenvolvendo competências de calculo e seriação.	

<u>Carro com materiais de desperdício</u>	Brinquedo muito encontrado no bairro e que as crianças constroem Com tudo aquilo que encontram.	
<u>Instrumento musical</u>	Facilmente realizado pelas crianças Que depois usam para dar som as músicas, enquanto dançam.	
<u>Massalas feitas com materiais da natureza</u>	Instrumentos musicais que as crianças elaboram, usando cocos, caniços e outras plantas, colocando-lhes pequenas pedrinhas dentro.	
<u>Balança feita de cocos</u>	Elaboradas não só para as brincadeiras das crianças mas também para outros fins.	

Perante a tabela descritiva dos jogos moçambicanos, constata-se a forte presença dos jogos infantis na cultura moçambicana e que as crianças vão fazendo perdurar na sua história de vida e na de quem com elas se cruza, como que nos fizessem uma apresentação prévia da sua cultura. A par destes jogos manifestamente importantes, aparecem as brincadeiras, quase sempre realizadas por grupos numerosos e que ajudam a pintar o quadro lúdico moçambicano. Muitas destas brincadeiras descritas na tabela, constituem importantes legados de pais para filhos e que actualmente muitas delas ainda perduram nos momentos de lazer destas crianças. Todas estas brincadeiras são realizadas ao ar livre, desprovidas de qualquer brinquedo de loja, onde tudo o que serve para brincar foi construído pelas crianças.

Tabela 4 - Brincadeiras observadas no bairro da Zona Verde

<u>As mais frequentes</u>	
Saltar nos Pneus	Episódio nº10
Baloço de corda na árvore	Episódio nº4
Condutores de chinelo	Episódio nº6
Trepar as árvores	Episódio nº17
Brincando de mata - bichar com matopi	Episódio nº1
Cozinhar com mechas	Episódio nº33
Rolar pneus	Episódio nº22
Dançar a marrabenta	Episódio nº32
Refrescar os pés	Episódio nº2
Rolar na lata	Episódio nº7
Encontrar a pilha	Episódio nº31
Faz-de-conta	Episódio nº12
Lançar coquinho	Episódio nº24
Tampinha de cor	Episódio nº13
<u>Muito Comuns</u>	
Lançar papagaios de papel	Episódio nº 5
Subir nos coqueiros	Sem Registo visual
Camião vai passá	Episódio nº34
Brincar di Cinza	Episódio nº29
Construir casas na areia	Episódio nº8

3.4 Descrição dos episódios

Episódio 1 – Festa de aniversário com matopi

Num dos passeios pelo Bairro da Zona Verde, resolvemos fazer um percurso diferente do habitual. O objectivo seria poder contactar com outras crianças que ali morassem e que de certa forma pudessem ter brinquedos diferentes que ainda não conhecesse. Nestes passeios tinha por companhia a Otilia uma adolescente de 14 anos que conhecia bem todos os cantos e recantos do bairro, sabendo sempre onde encontrar as crianças depois de chegarem da escola. Depois de muito caminharmos pelo bairro, encontramos um grupo de crianças sentadas na areia, brincando ao faz de conta com os materiais que trouxeram de casa ou que encontraram espalhados ali na areia.

Inicialmente estavam neste grupo 9 crianças que em conjunto estavam a fazer uma festa. (...) – “Estamos a fazer mata-bicho para todos”... - disse Eunice a sorrir.

Nesse momento algumas crianças explicaram-me que o Edilson “fazia aniversário”, como habitualmente dizem.

Neste grupo encontravam-se crianças entre os 3 e os 11 anos de idade que habitualmente costumam brincar juntas pela proximidade das suas casas. Quando questionados pela observadora sobre as suas brincadeiras, o Têlio depressa respondeu:

(...) “Tem bolinho também”- disse Edilson de 9 anos.

Sentados entre as canas-de-açúcar já secas lá prosseguiam com as suas brincadeiras. Quando questionei a Eunice sobre o que estava a cozinhar, rapidamente respondeu:

(...) “ Isso daqui é carni...”- enquanto moldava e espalmava o “ matopi” em cima de uma tampa de tinta. As novidades eram muitas para a observadora que ficou perplexa com a quantidade de cebola bem picadinha que o Edilson trouxera já partida de casa.

Edilson explicou então: (...) “Essa cebola daqui tia é pro mata-bicho e carni também”.

A este grupo foram-se juntando outras crianças quer pela curiosidade na observadora, quer pela inocência de ver uma “camera” como eles dizem. Todos se mostraram radiantes e felizes com a presença da observadora, até então desconhecida, ficando a promessa de voltar em outro dia para partilhar das suas brincadeiras.



Figura 6 - Brincar ao faz de conta com matopi



Figura 7 - Brincar ao faz de conta com matopi

Fonte: Da autora

Episódio 2 - Buracos na areia

O Bairro da Zona Verde está repleto de crianças por todo o lado, sendo extremamente fácil encontra-las nas suas mais diversas brincadeiras. Ao fim de semana, então, é possível conviver mais com estas crianças e partilhar com eles um pouco do seu tempo e conhece-las melhor. Como estávamos em Fevereiro e fazia muito calor, todas as crianças procuravam uma sombra para se refrescar. As mais ousadas e desinibidas lá pediam um metical á observadora para comprar “ gelinho” que repartiam entre todos.

Neste dia encontrei-os a brincar de uma forma que nunca tinha observado antes. O Gilson (8 anos) como era o mais velho do grupo, resolveu fazer buracos na areia, não imaginando eu sequer para que serviriam e qual a finalidade. Só no decurso da brincadeira Gilson e a Dânia foram explicando que aqueles buracos serviam para refrescar os pés.

(...) “ Foi meu pai que ensinou a mim – respondeu-me Gilson todo orgulhoso.

Percebi depois que na verdade tudo aquilo fazia sentido pois a areia estava muito quente para se poder caminhar e como as crianças andavam sempre descalças era natural que ficassem mais vulneráveis a esta situação. Como só havia dois buracos, as crianças partilhavam entre elas, colocando os pés no buraco por breves momentos, passando depois a vez ao colega. Aqui a brincadeira consistia tão-somente em refrescar os pés.

A este grupo de cerca de 15 crianças, juntaram-se ainda mais algumas como que a conta-gotas atraídas pela curiosidade. A Melvia com apenas 10 anos de idade encarregava-se de tomar conta de todas as crianças pequenas desde os irmãos aos vizinhos. Melvia resolveu encarar esta responsabilidade vestindo-se como irmã mais velha, usando sandálias de tacão alto e o vestido da mãe. Sabia que assim era mais

respeitada. O velho banco de madeira ali enterrado na areia servia somente para os mais pequenos aguardarem a sua vez de meterem os pés no buraco e se poderem refrescar. Como já estava a entardecer voltamos para casa, enquanto a Otília me foi explicando pelo caminho esta forma tão particular e habitual de as crianças brincarem e que nunca tinha sequer imaginado.



Figura 8 - Fazendo buracos na areia para refrescar os pés



Figura 9 - Fazendo buracos na areia para refrescar os pés

Fonte: Da autora

Episódio 3 - Construção de uma moto

Nas brincadeiras entre as crianças do bairro, é habitual encontrar grandes grupos de crianças, onde todas juntas se divertem, escolhem os jogos e estabelecem as suas regras. Contudo, numa das visitas pelo bairro, encontrei o Télió, um menino de 7 anos sentado na areia mas que para meu espanto e admiração estava sozinho, muito concentrado a construir o seu brinquedo que ainda não se vislumbrava bem naquilo em que se iria tornar. Permaneci então sentada ao lado dele por longos minutos, num misto de curiosidade e admiração no que dali poderia sair.

Télió percebeu logo na minha expressão que teria de me explicar para eu acompanhar o seu raciocínio. Então depressa me disse:

(...) “Sabi tia esse daqui vai ser mótu”- explicou ele sem retirar o olhar da moto.

A partir daí então aquele emaranhado de arame começou a fazer sentido para mim.

Enquanto observadora era impossível para mim ter imaginado alguém a construir aquele brinquedo. Uma moto! Mas para Télió tudo se resumia a um pouco de arame astuciosamente dobrado, de onde aos poucos e poucos se avistou o guiador da sua

”mótu”. Depois foi só procurar na areia onde se sentou, uma rolha que pudesse servir de roda para a sua moto que ainda só tinha uma. Tudo o que podia precisar e a sua imaginação conceber estava ali à mão, até mesmo o fio da electricidade que tirou do pai para “ poder amarrari arami” da sua moto. A perplexidade da observadora foi total. Como poderia aquela criança de apenas 7 anos, ter-se isolado dos amigos e das brincadeiras de grupo para construir a sua moto?

Permanecemos os dois naquele longo processo de construção, eu apenas como observadora, porém sabendo que Télió estava determinado a terminar o seu brinquedo.

Muitas questões se levantaram na minha cabeça no caminho de regresso a casa:

Será que Télió teria encontrado a segunda roda para a sua moto?

Quanto tempo mais ficaria ali sentado sozinho, enquanto a noite já se vislumbrava?

E seu pai? Não se iria chatear por ter usado o fio elétrico?

Nessa noite pensei muito naquele episódio e nas notas de campo que registei naquele dia e que li vezes sem conta, enquanto prometia a mim própria lá voltar no dia seguinte.

Na verdade não voltei a encontrar o Télió nas minhas passagens pelo mesmo local onde o tinha encontrado antes. Ficou a incerteza de muita coisa que imaginei e a angústia e tristeza de não ter conseguido ver a sua “mótu” terminada.



Figura 10 - Fazer uma moto com tampinhas de plástico e arame

Fonte: Da autora

Episódio 4 - Baloço na árvore

A estadia da observadora possibilitou, em grande medida, a realização de muitas filmagens que se tornaram em autênticas raridades para a observadora, que até então desconhecia completamente certos jogos ali desenvolvidos e tão apreciados pelas crianças. Numa das tardes, enquanto Otília e a observadora se deslocavam pelo bairro, foi possível captar momentos de uma brincadeira que em tudo se assemelhava a um baloço mas que por falta de recursos, tudo se resumia a uma corda atada num velho pau. Neste baloço improvisado e sustentado numa Mangueira (árvore), Nandinho como era o mais velho, tomou a vez no baloço dizendo autoritário:

-Eu primeiro!

Tibalo e Guto também faziam parte da brincadeira tomando a sua vez no baloço enquanto os amigos empurravam com toda a força para depois correrem a esconder-se detrás das canas-de-açúcar e de uma bananeira para se poderem proteger do impacto do seu amigo que baloçava muito alto. A diversão era total entre eles, seguindo-se depois Guto que por ser o mais novo o fizeram voar ainda mais alto naquele baloço, rindo-se descontroladamente os amigos cá em baixo:

- Há-de cair!

-Há-de cair! – Repetiam eles às gargalhadas.

Toda esta partilha de saberes das crianças para a observadora se tornou num misto de curiosidade e perplexidade de como estas crianças imaginaram, criaram e se divertiram entusiasticamente naquela tarde usando apenas materiais velhos que foram encontrando aqui e ali.



Figura 11 – Baloços de corda improvisados na árvore.

Fonte: Da autora

Episódio 5 - Lançar papagaios

No Bairro da Zona Verde onde se foca esta observação, é frequente encontrar as crianças em jogos e brincadeiras comuns que são visíveis á medida que vamos caminhando pelo bairro. Foi numa das visitas diárias, encontrar um grupo de 4 crianças que brincavam com dois papagaios de papel de construção artesanal. Paulinho foi o único que se identificou e conversou com a observadora, fazendo transparecer a ideia e autoria daqueles brinquedos como sendo sua. Paulinho de 9 anos rapidamente se apressou para mostrar orgulhosamente o seu papagaio e o do seu amigo mas que se havia estragado. Atendendo ao pedido da observadora Paulinho lá pôs o papagaio a voar correndo freneticamente pelos caminhos entre as canas do açúcar e das bananeiras, aproximando-se depois de Otlia e da observadora feliz e orgulhoso do seu papagaio. Contudo, depressa se sentou no chão ao lado do seu amigo que havia estragado o seu papagaio.

-Está estragado esse papagaio? – Perguntou-lhes a observadora

-Sim...hei-de arranjar. – Disse um dos meninos.

Depois de longas corridas pelos caminhos arenosos do bairro, as crianças aproveitaram para descansar sentando-se na areia enquanto arranjavam o papagaio de um dos amigos. Ficou claro naquela tarde o sentido de partilha e de entreatajuda entre estas crianças do bairro, existindo um forte elo entre todos eles.



Figura 12 - Construção de papagaios de papel, feitos com materiais de desperdício

Fonte: Da autora



Figura 13 - Papagaios de papel, feitos com materiais de desperdício

Fonte: Da autora

Episódio 6 - Carrinhos de areia no chinelo

O dia no bairro é por norma calmo, encontrando-se crianças a brincar na areia depois do horário escolar. Na falta de brinquedos improvisa-se com aquilo que encontram na areia. Um brinquedo que desperta a curiosidade de quem é novo no bairro o carro que por eles é construído e imaginado mas que durante a nossa observação uma simples brincadeira pode resultar em momentos e filmagens inesquecíveis.

Numa das brincadeiras encontramos um grupo de 5 crianças que já tinham improvisado os seus carros para fazer uma corrida, usando para isso os chinelos que tinham nos pés. Os chinelos eram o seu carro. Como era uma brincadeira totalmente desconhecida da observadora as crianças aperceberam-se e rapidamente a transformaram em mais um membro do grupo.

David já havia enchido os seus dois chinelos de areia e resolveu encostar um ao canto dizendo:

-“Aqueli dali não funciona” – como se o carro estivesse estragado.

Dalminha também entrou na brincadeira arranjando rapidamente um chinelo dos seus que rapidamente foi enchendo com matopi. Eunice com apenas 2 anos de idade ia observando os primos e irmão, sentando-se na areia de sandálias na mão que depressa enterrou na areia para também ter um carro. David dava gargalhadas do amigo Ilton que ainda não tinha encontrado um escape para o seu carro:

-“ Essi daqui não sabi nada. Só sabi comê encher barriga” – repetia vezes sem conta David rindo-se enquanto conduzia o seu carro.

Ilton limitava-se a rir com o comportamento de David que se mostrava entusiasmado com a presença da observadora á qual sempre chamava de namorada. David arrastava-se de joelhos pela areia, empurrando o carro que ia delineando estradas na areia enquanto gritava e ria:

-“ Carro deli não tem terra e meu tem...”

-“ Não sabi dançá só sabi comê encher di barriga...”

Os carros iam-se vislumbrando aos poucos, procurando na areia tudo o que pudesse servir para fazer de escapes, colunas ou janelas. David somente com 6 anos mostrava ser o que tinha mais prática na construção de carros, falando sozinho enquanto procurava vidros pequenos e punha no carro:

-“ É assim que eu gosto...” “ tou a procurá luzis...”

-“ Uma vermelha?”... - Espantou-se ele: “ Há-di mi cortar. Não quero”.

Os amigos riam-se com o entusiasmo de David. O seu carro já estava pronto e com tudo o que tinha encontrado ali no chão. Então, depois, David fantasiou ainda mais:

-“ Deixar mi passari, deixar mi passari”...“ Não vai chegar na festa”... - dizia ele enquanto voava com o seu carro.

Dalminha estava mais preocupada em arranjar peças para o carro da sua irmã Eunice que sorria para a observadora dizendo:

-“ Areia bonito”...

Enquanto grupo de brincadeira todos se ajudavam, inclusive a observadora que ia participando na brincadeira e arranjando pauzinhos na areia para fazerem os tubos de escape de todos. A brincadeira continuou por mais de uma hora, ficando a certeza de todos voltarem a brincar no dia seguinte depois das aulas.



Figura 14 - Carrinhos de areia no chinelo

Fonte: Da autora



Figura 15 - Carrinhos de areia no chinelo

Fonte: Da autora

Episódio 7 – Brincando com latas

Uma vez que estas crianças vão recolhendo tudo o que podem para construir os seus brinquedos, qualquer coisa serve para brincar. Uma brincadeira muito comum entre eles e nos é dada a conhecer é a de lançar a lata a ver a que rola mais longe na areia. Nesse dia de observação pelo bairro encontramos duas meninas que brincavam com latas de leite em pó vazias. A diversão entre Alice e Rebeca era grande enquanto Hilário tentava tudo para lhes tirar uma lata e tomar a sua vez no jogo.

...”Da-mi agora só prá vê...” “ ainda nem guardei ô...” – dizia enquanto pegava na lata. Mas Alice como era a mais velha corria apressada para lhe tirar a lata que Hilário havia tirado a Rebeca, dizendo:

–“ Não vai atirari... atirou já você... foi ultima vez...”

Hilário ria-se e lá ia partilhando a lata que ia sendo usada como objecto de arremesso naquele jogo mas que mais tarde as mesmas meninas usaram para mostrarem a observadora o seu equilíbrio, enquanto rolavam descalças em cima delas sem cair, como é demonstrado nas fotografias seguintes:



Figura 16 - Brincadeiras com latas de leite em pó



Figura 17 - Brincadeiras com latas de leite em pó

Fonte: Da autora

Episódio 8 – Construindo casas na areia

Grande parte das brincadeiras que se podem observar no bairro envolvem areia devido à elevada quantidade existente no bairro. Nesta observação, mais uma vez, Otlia se fez acompanhar da observadora para melhor orientação e localização geográfica do local por onde íamos passando, devido às elevadas dimensões do bairro. Encontramos neste fim de tarde algumas crianças que construía casas na areia, usando somente as mãos para escavar buracos e daí retirarem matopi que por ser molhado dava maior robustez e firmeza a casa que iriam construir. Anjinha de 8 anos chegou depois para fazer companhia aos colegas que se encontravam com a observadora e com Otlia. Rapidamente se sentou e começou a fazer a sua casa para que a pudéssemos filmar. Aquando da pergunta sobre quem lhes tinha ensinado a fazer assim casas, Sandro respondeu orgulhoso:

...”Foi meu pai”.

Télio continuou a procurar na areia pequenas coisas que lhe pudessem satisfazer os critérios da sua imaginação enquanto dizia à observadora:

...”Essi daqui é fogão... “ Também tem mesa e cadeira”...- dizia sem retirar os olhos da sua construção.

Enquanto uns construíam casas, Mikel de 6 anos encontrava-se deitado no chão a espreitar para dentro de um buraco por onde passava a água, que para preocupação da observadora as crianças rapidamente disseram:

...”Não há-di cair...” – diziam enquanto se riam às gargalhadas da inocência de Mikel.

Depois das despedidas, o grupo continuou a construção das casas, agora já com a supervisão de alguns adultos que vieram atraídos pela presença da observadora até então desconhecida. Como a construção das casas era um processo moroso, deixamos as crianças nas suas brincadeiras enquanto demos mais uma volta pelo bairro. Na volta percorremos o mesmo trajecto onde havíamos encontrado estas crianças mas agora sem a sua presença que por ser tarde se encontravam já em casa, restando somente as casas que haviam feito.



Figura 18 - Construção de casas na areia

Fonte: Da autora

Episódio 9 – Carrinhos feitos de arame

Logo no início de fevereiro, enquanto caminhávamos pelo bairro, encontramos dois rapazes que já estavam na parte final da construção dos seus carros de arame e latas. Meninos de poucas palavras, não se mostraram muito receptivos a nos mostrar um

pouco do seu trabalho embora tenham revelado a sua autoria na realização daqueles brinquedos. Desta forma, Otilia e observadora ficaram entusiasmadas a observar enquanto foi possível a forma como aqueles dois meninos com uma pedra iam esmagando o fio de cobre até tirarem a parte isoladora de plástico para depois darem uso ao fio de cobre, na construção dos seus carros. Este brinquedo, apesar de muito usado nas brincadeiras diárias das crianças, era também muito resguardado dos olhares de estranhos, escondendo-os sempre que alguém desconhecido se aproximasse. Nas longas caminhadas pelo bairro e nas sessões de filmagens efetuadas ao longo de três meses, foram muito poucas as oportunidades que surgiram para os podermos filmar e perceber o seu processo de construção.



Figura 19 - Carro feito de arame, fido de cobre, latas e caniços

Fonte: Da autora

Episódio 10 - Saltar nos pneus

Uma brincadeira muito popular no bairro é saltar nos pneus. Num dos passeios pelo bairro, fazendo-se a observadora acompanhar de uma das crianças mais velhas do grupo, deparamo-nos com Dalminha uma menina de 9 anos que saltava sozinha nos pneus e como já era conhecida da observadora, resolveu fazer um espectáculo ainda maior. A toda aquela euforia juntaram-se imediatamente mais 5 crianças, sendo todos irmãos e primos de Dalminha. Inicialmente todas se mostraram envergonhadas com a presença da observadora, mas também muito ansiosas para mostrar aquilo que sabiam fazer. Apenas sorrindo para a observadora, lá começaram a saltar nos pneus, mostrando as suas habilidades para que as pudéssemos filmar, mas sem nunca interagirem verbalmente com a observadora.



Figura 20 - Brincadeiras diárias de saltar nos pneus



Figura 21 - Brincadeiras diárias de saltar nos pneus

Fonte: Da autora

Episódio 11 – Jogo das tampinhas

Uma das brincadeiras mais comuns no bairro é o jogo das tampinhas, muito jogado pelos rapazes que vão guardando as tampas de refrigerante atrás das sebes que delimitam o terreno das suas casas, para que ninguém as encontre indo buscá-las somente quando é chegada a hora de jogar. Metem sempre a mais algumas no bolso para os amigos que posteriormente se venham a juntar ao jogo. Num dos dias que nos foi possível observar este jogo, constatamos que era de facto um jogo muito apreciado mas também de muita disputa e rivalidade no seio do grupo, uma vez que todos queriam estar nos três primeiros lugares. Hilário dizia em tom autoritário:

...”Primeiro é eu...” – batendo com o pé no chão.

Seguia-se Tíbal e Guto que tomavam o seu lugar no jogo, ficando a observadora a tentar perceber um pouco das regras e do jogo em si. Nandinho corria freneticamente a apanhar as tampas de todos passando-as rapidamente para o outro lado da linha enquanto Hilário lançava o berlinde dizendo:

...”Primeiro eu depois você e guto e Nandinho... esse daqui não há-di jogar...” – dizendo Hilário para os meninos que se iam juntando ao jogo.

A observadora limitou-se a observar já que o grupo envolvido no jogo estava muito entusiasmado para nos prestar qualquer tipo de esclarecimento. Deu para perceber que era Hilário quem ditava as regras do jogo pois eram dele todas as tampas que ia tirando dos bolsos para distribuir com os amigos Nandinho, Tibalo e Guto. Pela euforia própria do jogo outras crianças se foram juntando atraídas pelo barulho que faziam na rua. Tornou-se certamente gratificante para a observadora perceber que ali também existiam regras nos jogos e que todos as cumpriam religiosamente se ali queriam estar.



Figura 22 - Jogo das tampinhas



Figura 23 - Jogo das tampinhas

Fonte: Da autora

Episódio n.12 - Brincadeiras ao ar livre

Todos os momentos de brincadeira são explorados não só pela criança como também por quem observa a fim de perceber o enredo dos acontecimentos que a imaginação das crianças vai proporcionando a quem se torna seu espectador. No fim do almoço e como era fim-de-semana, as crianças aproveitaram para vir brincar para os quintais dos vizinhos levando sempre qualquer coisa de casa para entre todos poderem partilhar do pouco que têm. Nesse dia Mika e Dalminha estavam entusiasmadas com o “jogo da turma 12” que insistiam em repetir para a observadora. Outras crianças se foram juntando ao grupo para brincar mas sobretudo atraídas pela curiosidade de tantas gargalhadas por parte dos amigos. David que nos observava ao longe, dirigia-se rapidamente para nós rolando rapidamente o seu pneu pela areia. Foi a vez de David mostrar o que sabia fazer com o seu pneu, emprestando depois aos amigos mais velhos para também eles brincarem. Mika segurava na mão uma velha boneca já sem braço que alguém muito importante lhe tinha dado. Como não havia mais nenhuma por ali todos a criam agarrar mas com muito cuidado como Mika lhes havia dito:

- “Essi daí é meu.” – Dizia Mika

- “Não há-di estragar ó cê...”- repetia ela segurando a boneca.

A Dalminha tinha sido incumbida a tarefa de tomar conta da irmã e com apenas 7 anos lá segurava nas costas a pequena Eunice que se recusava a ir para o chão. Alice e Naíma também transportavam os irmãos ainda muito pequenos às costas, recusando-se a entrar nas brincadeiras que ali se estavam a desenrolar.

A presença da observadora era sem dúvida o motivo de tanta agitação entre as crianças que aos poucos foi atraindo muitas outras, ficando impossível descrever o número certo

de crianças que ali interagiu. Eunice somente com dois anos espreitava da porta com receio de sair. Tornou-se evidente que as crianças queriam apresentar á observadora a criança mais nova do grupo de brincadeira.

-“Ioni anda buscar bombom”- chamavam eles por ela.

O primo David como era mais astuto apressou-se a ir busca-la á porta. Deu para perceber que Eunice ainda não havia almoçado pelo prato de arroz que trazia na mão.

-“Essi daqui é Eunice”- disse David segurando-a pela mão, enquanto segurava o prato de arroz do almoço.

Entretanto Dalminha foi a casa buscar um espanador que David depressa lhe tirou para sacudir as moscas no prato de Eunice. David sacudia fortemente atirando com o arroz fora do prato, rindo-se:

-“Essi é pra mosca comê!”

Lando e David iam partilhando o pneu, fazendo longas corridas pela estrada de areia, enquanto Otilia e Mika jogavam entre risotas á” turma 12”.

Na volta pelo bairro e de regresso a casa, Otilia foi explicando á observadora os jogos que também ela ainda gostava de jogar e como em Tete, sua terra Natal as crianças brincavam de uma forma diferente dali.



Figura 24 - Brincar ao faz de conta

Fonte: Da autora

Episódio 13 - Brincando com tampinha di côr

Uma forma de brincar por si só já é considerada normal quando envolve crianças e tudo o que ali se passa, é fomentado pelo seu imaginário tornando-se no mínimo curioso para quem observa. Dessa forma, uma das brincadeiras que mais chamou a atenção foi a de ver as crianças a brincar com cds na areia, os quais usavam para fazer linhas no chão para os jogos que ali se poderiam realizar. Enquanto fazia as linhas no chão, Lindalva havia calçado umas luvas que trouxera de casa e que não pareciam ser necessárias naquele contexto de brincadeira, servindo apenas de acessório para a brincadeira que ali se estava a desenrolar. Todas as crianças têm cds em casa pois a música faz parte da sua cultura e forma de estar. Neste dia as crianças brincavam de uma forma totalmente nova devido aos materiais que estavam a usar. Yasmin tinha espalhado na areia mais de duas dezenas de tampinhas de metal de várias cores das latas de refrigerantes e que guardava religiosamente só as usando por vezes para brincar com os melhores amigos. Nesse dia foi possível captar essa brincadeira que consistia basicamente em repartir as pecinhas por cores e colocar dentro das casinhas de areia que estavam a fazer com os cds. Com o aproximar de mais crianças para verem a brincadeira, Yasmin começou a ficar preocupada e com receio pelas suas tampinhas:

-“ Vão roubari.”- Gritava ela enquanto as retirava rapidamente da areia.

-“ Vão levári.”- Dizia a amiga enquanto as escondia rapidamente na saia de Asmin.

-“Fecha isso daqui”. Dizia a irmã segurando na saia de Asmin.

Ficou claro naquele momento a importância daquele brinquedo para as três meninas que se mostravam receosas com a aproximação de tantas crianças.

Lindalva ia fazendo longos riscos na areia com os cds enquanto comia a bolacha que a observadora lhe havia dado. A brincadeira que se tinha mostrado entusiasmante para as crianças terminava ali mesmo uma vez que Asmin e a irmã recolheram para casa com as tampinhas escondidas na saia. Esta forma de agir das crianças naquela tarde, levou a reflectir na importância dos brinquedos e nas consequências que ele pode ter no crescimento da criança e no quanto ele pode ser importante para ela ao ponto de não o poder partilhar.



Figura 25 - Brincando com luvas

Fonte: Da autora

Episódio14 - O jogo do zoto

Uma das brincadeiras mais populares no bairro é o jogo do zoto, já fortemente enraizado na cultura moçambicana e que normalmente é jogado por um número superior a dez elementos. Em uma dessas tardes no bairro encontramos um numeroso grupo que se preparava para jogar ao zoto. Como era novidade para a observadora, acabamos por ficar ali mesmo a espera de poder perceber em que consistia exactamente e como era jogado. Pelo que se podia observar e entender, era um jogo que em tudo se assemelhava á apanhadinha Portuguesa, sendo que a criança “ apanhada” teria de dizer “zoto” e assim sucessivamente. Como a observadora estava presente, as crianças prontificaram-se a explicar as regras, convidando-a para jogar- Mika descansava deitada no cimento mesmo na entrada da casa de sua amiga Silnara, apoiando nas pernas Eunice de apenas dois anos. Na verdade Mika tinha abdicado de jogar para tomar conta da mais pequena do grupo, que por imposição das regras do jogo não poderia jogar. Guto por sua vez permanecia sentado num monte de pedras, apenas observando a corrida desmedida dos amigos naquela areia escaldante, enquanto se ia entretendo a morder o fia de plástico e cobre que havia encontrado por ali mesmo.

-“Zoto tá com o cê!” – Dizia Lindalva batendo nas costas de Chenázio.

-“Hei-di ti pegar”- Gritava Chenázio esforçando-se por apanhar um deles.

-“Tia Susy vem jogar!” – Chamava Dalminha pela observadora.

Uma das regras consistia em correr descalço na areia, sendo que todas as crianças arrumavam os chinelos por baixo da mesma árvore.

-“Há-di cair qui nem bebe”- Dizia Thandy a rir-se de David que acabava de cair. Pouco depois, Thandy coxeava em direcção da observadora dizendo:

-“Num jogo mais á eu!” – Enquanto espreitava por baixo do seu pé.

Com o questionamento da observadora para o que se passava, Thandy já sentada disse:

-“Mi piquei. Tem vidro aí. Há-di mi picar di novo! “

Na verdade a areia estava cheia de pequenos vidrinhos e outros pequenos objectos que na fina areia se podiam vislumbrar mas que em nada parecia afectar o decorrer dos jogos, pelo que a brincadeira não terminou por ali. Uns entrando outros saindo mas o grupo continuou numeroso.



Figura 26 - Jogo do Zoto



Figura 27 - Jogo do Zoto

Fonte: Da autora

Episódio 15 - Saltar ao elástico

Nos intervalos ou no fim das aulas, quando as crianças regressam a casa aproveitam e param pelo caminho para jogarem ao elástico. Este é um jogo predominantemente de raparigas. Um dos dias que nos foi possível observar este jogo, as crianças com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos seguravam os elásticos nas pernas, enquanto a amiga mostrava as habilidades que sabia fazer, aguardando as restantes a sua vez para jogar. Otilia que se fazia acompanhar da observadora, mostrava-se empolgante com o jogo, questionando a observadora sobre a existência desse jogo no seu país:

- “Em Portugal salta assi mesmo?” – Questionava Otilia a observadora.

- “Em Tête não é bem assim”- Dizia Otilia sorridente.

Uma vez que este grupo de adolescentes era desconhecido da observadora, mostraram-se mais envergonhadas inicialmente, mas depressa quiseram mostrar aquilo que sabiam

fazer com o elástico, saltando ao som da música que se ouvia na rua, vinda das casas dos vizinhos.



Figura 28 - Jogo do elástico



Figura 29 - Jogo do elástico

Fonte: Da autora

Episódio 16 - Visita à praia de Bilene

Por norma, todas as brincadeiras das crianças do bairro se cingem aos poucos recursos que ali encontram e aos amigos mais próximos e que conhecem desde sempre. Aos fins-de-semana, as famílias que possuem carro no bairro, aproveitam para levar as crianças à praia, essencialmente como espectadores e não tanto como atores que este tipo de contexto poderia propiciar. Em uma das tardes, no mês de Março, uma das famílias mais abastadas do bairro, resolveu fazer um passeio à praia convidando a observadora a fazer consigo a viagem que demoraria pelo menos duas horas uma vez que nos deslocaríamos para Bilene que se situava a mais de 200km de Maputo.

Para poderem ir à praia as crianças não precisavam ir tão longe pois a praia “Costa do Sol” ficava mesmo ali na cidade de Maputo. Porém, durante todo o verão e com as grandes obras que esta praia sofreu e os enormes buracos na areia ali existentes, deixavam as famílias assustadas e com medo de ali levarem os seus filhos, procurando desta forma outros locais. Contudo, os passeios e permanência na praia mostrava ser um recurso pouco frequente das famílias da cidade pois encontravam-se praticamente vazias, mesmo durante o verão.

Na partida para Bilene, a observadora fez-se acompanhar da família de Thandy e Lindalva de 9 e 10 anos e que levavam consigo a sua amiga Djamilá de 9 anos de idade. Uma vez que a viagem era longa e para melhor aproveitar o tempo, a solução mais

viável era sem dúvida dormir em Bilene, para que no dia seguinte bem cedo as crianças pudessem aproveitar a praia. E isto veio a constatar-se no dia seguinte, uma vez que por volta das 6:30h já Lindalva e Thandy andavam em fato de banho chamando a observadora e Djamila:

-“Djamila têm di despachar”- Dizia Thandy.- “ Si não, não hei-di esperar por si á eu”.

-“Vem mata-bichar, tia Susy”- Chamava Djamila já pronta.

Pela estrada até á praia não demorava mais de 2 minutos, pelo que as crianças iam saltando todo o caminho, puxando a observadora para ir ver os papagaios ali perto e que elas gostavam de imitar. Era sem dúvida interessante poder observar o que ali se estava a passar, nomeadamente a interacção das crianças com os papagaios, sendo já comum fazerem esta “paragem” ali mesmo.

Caminhando pela encosta da praia, Thandy e Lindalva iam contando á observadora as aventuras que ali passavam no Natal com o seu pai, enquanto Djamila sorria ouvindo a conversa das amigas. Uma vez que nem toalhas as crianças levavam, tornava-se difícil perceber como seria um dia de praia ali e como as crianças se poderiam divertir, pois não levavam qualquer tipo de brinquedo, apenas um velho saco preto na mão que trouxeram de casa. Mais tarde, foi fácil constatar que o saco servia apenas para transportar a areia de um lado para o outro com a qual erguiam as suas construções. Thandy como era a mais velha, fazia escavações bem fundas na areia com as mãos enquanto Djamila, carregava vezes sem conta sacos de areia para construir aquilo que as três amigas tinham imaginado e que ao longe vislumbrava ser um castelo. Entre mergulhos e construções, as crianças ocuparam a sua tarde sem qualquer tipo de brinquedo, usando apenas um velho saco para dar azo á sua imaginação.



Figura 30 - Brincadeiras na praia de Bilene



Figura 31 - Brincadeiras na praia de Bilene

Fonte: Da autora

Episódio 17 - Trepando às árvores

No bairro, por norma tudo serve para brincar, desde as tampas das garrafas, às árvores onde as crianças trepam incansavelmente, sendo esta uma das suas brincadeiras preferidas e que são observadas com mais frequência. Algumas destas árvores, principalmente aquelas que se situam perto das casas das crianças, têm lá colocadas cordas ou pedaços de tecido grosso com um ferro a servir de base, que as crianças usam a servir de baloiço para se poderem divertir.

Alice e Rebeca de 7 e 8 anos de idade, parecem eleger esta brincadeira como uma das preferidas, aproveitando as tardes sem aulas para passarem longas horas a trepar a árvore de frente de casa. No curto espaço de tempo que durou a filmagem das duas crianças neste contexto, verificou-se que Alice e Rebeca estavam mais concentradas em baloiçar e saltar do que propriamente em dialogar com a observadora, embora se tenham mostrado recetivas em dar a conhecer um pouco desta brincadeira tão tradicional de brincar no bairro.



Figura 32 - A colocar corda na árvore

Fonte: Da autora



Figura 33 - Brincadeira nas árvores

Fonte: Da autora

Episódio 18 - Fazer anéis com papéis de kibom

Em uma das tardes que observamos as brincadeiras das crianças, falamos com Armando, também ele morador do bairro e que nos tempos livres se dedica a fazer pequenos brinquedos para os irmãos mais novos.

Quando convidou para ir a sua casa dava para perceber que havia algo que desejava mostrar sobretudo á observadora que até então não conhecia. Depois de um longo percurso a pé encontramos bastantes crianças em sua casa que brincavam cá fora sentados no chão. Entre irmos de Armando primos e amigos contavam-se mais de 8 crianças. Armando pediu então ao seu irmão Joni que fizesse um anel de Kibom que eram muito bonitos. Joni sentou-se então numa cadeira e depois de várias tentativas lá foi possível vislumbrar o que iria ser o anel.

-“Vai ser anel né?” – Perguntou Armando ao irmão.

O anel era muito atractivo pelo brilho que fazia devidos aos papéis metalizados que usavam. Dessa forma todas as crianças incluindo os rapazes gostavam de os fazer e de os usar. Menino de poucas palavras, Joni sempre se mostrou confiante e orgulhoso daquilo que sabia fazer colocando depois de pronto o anel no dedo mostrando o seu trabalho para a observadora para que o pudesse fotografar.



Figura 34 - Fazendo anéis com papéis de Kibom

Fonte: Da autora

Episódio 19 - Preparação para o jogo n`chuva

O jogo N`chuva pressupõe que se façam bastantes buracos no chão para depois poder ser jogado e como as crianças mais novas não iriam certamente realizar a tarefa o mais correta possível, Armando como irmão mais velho resolveu preparar tudo para que a observadora pudesse filmar o jogo mais jogado no bairro e mais popular em Moçambique.

Seguiu-se então um diálogo entre Armando e observadora, enquanto Armando ia explicando á observadora passo a passo das regras do jogo enquanto preparava as casas no chão.

-“Quantos buracos vão ter o jogo n`chuva “- Questionava a observadora a Armando.

-“Essi vai ter 6 buracos”- dizia Armando enquanto fazia pequenas covinhas no chão com a ajuda de uma colher da sopa que foi buscar a casa.

-“E depois é com pedrinhas?”- Perguntou a observadora.

-“Sim é com pedrinhas. Como não temos caninhos vamos jogar com pedrinhas- dizia Armando enquanto sacudia a areia das covas.

-“Aí são três filas de buracos?”- Perguntou a observadora a Armando.

-“Não tem di ser 4. E as pedras que têm de ser usadas é duas por cada buraco – referiu Armando enquanto acabava a sua tarefa de preparar o tabuleiro de jogo.

Percebeu-se claramente ali a importância do jogo quer para as crianças que assistiam e aprendiam com Armando, quer para os adultos nomeadamente a avó de Armando que assistia a tudo calada enquanto descascava a mandioca para o almoço.



Figura 35 - Preparação para o jogo do n`chuva

Fonte: Da autora

Episódio 20 - O jogo n`chuva

O jogo mais popular do bairro e muito apreciado pelos mais velhos é sem dúvida o n`chuva, atraindo crianças mas sobretudo os adultos sendo um jogo que atravessou já muitas gerações sendo jogado por todas as pessoas de todas as classes ou extractos sociais. Armando vai-se desdobrando em explicações para que a observadora vá entendendo e filmando:

-“Essi daqui é n`chuva também mais é diferente. Ali já eli leva para eli. Mais no fim do jogo alguém tem de ficar sem pedras aqui...- Explicava Armando enquanto jogava com o irmão.

-“Á pissoa tem di ficar esperta. Tá a ver nessi sentido aqui, si for no caso deli, ter 3 pedras, eli podi levar assim... e bater! Já eu... tenho di fugir!- Referia Armando passo a passo as regras do jogo.

Armando e Joni tinham um montinho de pedras que repartiram pelos dois e iam colocando nas casas e retirando um ao outro de acordo com a sua vez de jogar.

-“Estão a acabar as pedras Armando...- Comenta a observadora.

-“Sim. Tem di haver um vencedor. Repara lá essi daqui. Eli já usa uma pedra aqui... Fim do jogo! Ganhei! Sim, tivi sorte!

O jogo n`chuva prolongou-se por vários minutos jogando somente Armando e o seu irmão enquanto as outras crianças assistiam e esperavam a sua vez para jogar.



Figura 36 - Jogo do n`chuva



Figura 37 - Jogo do n`chuva

Fonte: Da autora

Episódio 21 - Fazer barcos de papel e jato

Outra dos brinquedos que Armando havia ensinado às crianças eram os “jatos” como ele lhe chamava e os “barcos de papel”, que eram feitos a partir de papéis velhos que iam encontrando ou que tinham por casa. Nesta actividade participaram mais de 6 crianças, todos familiares que resolveram participar na actividade que Armando lhes propusera. O diálogo prosseguiu entre Armando e a observadora que ia tentando perceber um pouco das suas rotinas, hábitos e formas de brincar entre eles:

-“São primos?”- Perguntou a observadora a Armando.

-“Há são primos sim e amigos, irmãos”- explicou Armando.

-“É um barquinho?”- Questionava a observadora enquanto as crianças dobravam e rasgavam papel.

-“ Sim é. Um barquinho. Podi por no chão ali. Podemos por uma bacia di água aqui? Dá né? Vai buscar Joni”- pedia Armando ao irmão mais novo.

-“E ele está a fazer o quê?”- Perguntava a observadora a Armando.

-“É jato né Joni. Não mexi. Deixa aí mesmo”- Repetia Armando para as crianças para que não estragassem.

-“Olha que lindo”- disse a observadora enquanto via o trabalho das crianças.

Entretanto Joni aparece com uma bacia de água e Armando mete lá o barquinho de papel.

-“Essi barquinho daqui, como não tem piscina aqui... brinca assim!”- Dizia Armando enquanto punha um dos barcos na água.

-“Os pequeninos devem gostar- Comentou a observadora.

-“Sim gosta. Brincam assim.

Então um dos meninos termina o seu jato.

-“Já istá né? Podi atirar né? -Perguntava Armando mostrando orgulhoso o trabalho dos seus amigos. Depois disso continuaram a brincar com os barquinhos na bacia que trouxeram de casa com água.



Figura 38 - Fazendo barquinhos de papel e jato



Figura 39 - Fazendo barquinhos de papel e jato

Fonte: Da autora

Episódio 22 - Corrida de pneus

Bem dentro do bairro da zona verde, fomos encontrar um pequeno grupo de crianças que brincava com pneus, fazendo-os rolar pelos quintais de sua casa e das casas vizinhas. Desconhecendo-se por completo os seus nomes e o grau de parentesco entre elas, dava a entender que seriam todas irmãs ou familiares pela forma como se movimentavam pelas casas umas das outras. Apesar da presença da observadora, as crianças mostraram-se entusiasmadas com a sua presença ali, continuando a rolar os pneus por cima dos montes de areia, enquanto uma das crianças mostrava alegremente para a observadora a garrafa de coca-cola que tinha na mão. Desta brincadeira muito peculiar e apreciada no bairro faziam parte não só meninos como também meninas, continuando as suas brincadeiras enquanto lá permanecemos para que os pudéssemos filmar.



Figura 40 - Brincadeira com pneus

Fonte: Da autora

Episódio 23 - Desfile de carrinhos de arame

Caminhando no bairro, vamos sempre encontrando locais habituais e que por norma nos são já familiares, enquanto por vezes se faz um desvio maior entretidos na conversa e quando nos apercebemos estamos já bem longe de casa.

Neste dia das filmagens passou-se isso mesmo, pois as filmagens foram feitas em outra extremidade do bairro e com pessoas que nos eram desconhecidas. Porém, isso não mostrou ser entrave às filmagens pois as crianças receberam-nos com largos sorrisos, enquanto brincavam. A atenção da observadora depressa se voltou para as três crianças que brincavam com carrinhos de construção artesanal, tendo-nos revelado a autoria de tais brinquedos. Na verdade muitos deles não passavam de uma simples lata e alguns paus de caniço que seguravam a lata e com apenas alguns centímetros de arame e muita imaginação.



Figura 41 - Desfile de carrinhos

Fonte: Da autora



Figura 42 - Desfile de carrinhos

Fonte: Da autora

Episódio 24 - Guerra de coquinhos

A guerra de coquinhos, assim designada pelas crianças do bairro, consiste em apanharem pequenas bolinhas provenientes das palmeiras e que são denominadas de coquinhos pelas crianças que minuciosamente as vão retirando dos canos da planta para depois as juntar e começarem a brincadeira. No início de Março, aquando das filmagens já normais e enquadradas no quotidiano das crianças, foi possível presenciar esta brincadeira que provocava tanta euforia entre as crianças que se encontravam envolvidas naquela brincadeira. Das cinco crianças envolvidas só David e Anjinha eram conhecidos da observadora, pelo que se apressaram a mostrar-lhe como se brinca “di guerra”. Depois de reunidos todos os cocos todos corriam pela areia para fugirem o

mais possível e não serem alcançados pelos imensos coquinhos que voavam pelo ar. Como os coquinhos acabaram depressa, a brincadeira continuou atirando David ao chão para lhe poderem tirar aos poucos coquinhos que ainda lhe restavam e que segurava na mão. O pai de anjinha e outros adultos, assistiam a esta brincadeira sentados nos pneus que delimitavam o quintal da casa de anjinha, sorrindo de ver como aquela brincadeira iria acabar. Depois de tanta disputa na areia, David resolveu partilhar os coquinhos que ainda tinha com os amigos. Neste dia das filmagens foi facilmente perceptível a alegria das crianças com o quase nada com que estavam a brincar. Era muito mais importante para elas a presença dos amigos onde o pouco que têm já é muito quando o essencial já lá estava.



Figura 43 - Guerra de coquinhos



Figura 44 - Guerra de coquinhos

Fonte: Da autora

Episódio 25 - Visita ao centro social de Mireme

De passagem pela cidade de Maputo, havia a necessidade de conhecer um pouco mais da realidade infantil, muito para além do bairro a fim de perceber o dia-a-dia das crianças neste contexto. Com a colaboração da docente da UP, Eugénia foi possível visitar o centro social de Mireme e lá passar umas horas para poder interagir e vivenciar o quotidiano das crianças. Ficou bem patente nesta visita que os centros infantis em Moçambique estão preenchidos por crianças pertencentes às famílias mais abastadas da cidade de Maputo. Com características semelhantes á realidade europeia, guiam-se por rotinas que visam o bem-estar das crianças, respondendo às suas necessidades.

As educadoras e auxiliares aproveitando a presença da observadora prontificaram-se a nos mostrar as brincadeiras das crianças que já se encontravam sentadas em roda, aquando da nossa chegada. Contando com um grupo extremamente numeroso por sala,

as cerca de trinta crianças que se encontravam na roda, iniciavam o “jogo do lencinho”. A auxiliar acompanhava uma das crianças pela mão enquanto contornavam a roda a pé e cantavam:

- “O lencinho qui tá ná mão, vai cair no meio do chão!”

Todas as crianças repetiam em coro: “Vai cair no meio do chão”.

Enquanto caminhava em volta das crianças a auxiliar repetia para as crianças:

-“Olha na verdadi, na verdadi quem não tá ná roda não vai fazer jogo. O minino qui tá no jogo tem qui tar na roda. Entra na roda mana Lia – dizia a auxiliar para uma das crianças.

Depois de duas voltas em torno da roda de crianças a auxiliar alertava-os:

-“O meu lencinho caiu á muito tempo. Mi persegui... corri titia, corri titia... eita titia!”- Cantava a auxiliar enquanto corria de mão dada com a menina. Foi á Lorena que calhou a vez de deixar o lencinho atrás de um menino, mas sempre seguindo as instruções da auxiliar.

-“Mana Lorena, deixa atrás daqueli minino que istá a cantar. Não deixa atrás daqueli minino qui não istá á responder”.

E assim continuaram o jogo na roda, enquanto esperavam a hora do almoço. Na sala dos meninos mais velhos (com 5 anos), continuavam os jogos de roda com o jogo “quer casar”. Uma das crianças encontrava-se já dentro da roda e todas as restantes cantavam rodando:

-“Tá no meio para ser á nossa prima. E zoi, zoi, zoi, deixa lá ela á passá! Quer casar?”

Como a resposta da menina era sim a amiga ia busca-la e dançavam as duas no centro da roda enquanto todas as crianças da roda cantavam e aplaudiam:

-“A minina ela casá, ela casá, ela casá. Á minina qui tá no meio, ela vai ser á nossa prima. E zoi, zoi, zoi, deixa ela á passá...”

As crianças convidaram depois a observadora para se juntar á roda e jogar com elas, para propiciarem desta forma um maior contacto e aproximação de uma pessoa que desconheciam. Como havia chegado a hora do almoço as crianças foram para o refeitório, aproveitando para conhecer um pouco das salas destas crianças terminando posteriormente a nossa visita.



Figura 45 - Jogo do lencinho no colégio de Mireme

Fonte: Da autora



Figura 46 - Jogo "quer cazá"

Fonte: Da autora

Episódio 26 - Limpando o quintal antes de ir para a escola

A limpeza de quintal é uma das tarefas diárias da mulher moçambicana e que por norma se realizam logo pela manhã bem cedo, inculcando esta tarefa às crianças mais pequenas em idade escolar. Esta tarefa de ajudar a mãe nas actividades domésticas diárias

demonstrou estar já bem presente na vida e na rotina das crianças, que diariamente varrem os quintais mesmo antes de irem para a escola.

Diariamente as crianças varrem os quintais de areia retirando todas as folhas e restante lixo para um saco para depois juntarem ao monte de lixo que se acumula num dos muros e á noitinha poderem queimar tudo. Não só a criança como também a mãe colaboram nesta tarefa de limpar o quintal, libertando depois a criança para as suas tarefas escolares que iniciam bem antes das sete horas da manha.

Neste dia as filmagens realizaram-se muito cedo para que fosse possível captar este momento onde as rotinas diárias se cruzam com o percurso escolar e assim poder entender um pouco mais da realidade do bairro.



Figura 47- Limpeza dos quintais

Fonte: Da autora



Figura 48 - Limpeza dos quintais

Fonte: Da autora

Episódio 27 - Brincadeiras de faz-de-conta

Durante os três meses de permanência no bairro foi possível observar as mais diversas formas e expressões no ato de brincar. Na maioria das vezes estas brincadeiras revelavam-se autênticas novidades, não só pelo contexto onde se desenrolavam, mas sobretudo pela imaginação da criança em improvisar os materiais que iriam servir de enredo á sua brincadeira. Há no entanto brincadeiras que parecem perdurar no tempo e que fazem parte do processo de crescimento da criança. Brincadeiras sem fronteiras, encontradas ali no bairro e que era necessário explorar, levando a observadora a embrenhar-se mais naquele contexto específico de acção que ali se estava a desenrolar. Numa tarde normal de brincadeiras e de filmagens espontâneas no bairro, encontramos um pequeno grupo de crianças que estavam a brincar ao faz de conta. Este grupo era já conhecido da observadora, morando relativamente perto da sua casa, pelo que era possível quase sempre captar pequenos momentos de pura diversão. A euforia era total pelas gargalhadas das meninas que acabaram por atrair outras crianças das proximidades. Lindalva entrava e saía a correr da sua casa, sempre com peças de roupa na mão mas que teimava em esconder do avô que possivelmente lhe iria condenar o ato. Quando a observadora lhe perguntou o que estavam a fazer Lindalva soltou uma gargalhada e agarrando-a disse:

-“Vem tia Susy vem ver as meninas ali mesmo!”

Á sua espera já se encontravam outras crianças, inclusive Palminha que havia trazido de casa soutiens para quase todas elas. Foi possível concluir imediatamente o que ali se estava a desenrolar, uma vez que eram as meninas mais velhas do grupo que estavam a ditar as regras fantasiando elas ser as mães das mais pequenas que por ali se encontravam. Para tal e para ser mais autêntico, era necessário vestirem-se a rigor, com peças que se adequassem ao seu perfil de mães. Yani como era a mais velha do grupo vestiu o vestido da mãe, calçando também os seus sapatos de tacão alto para se poder afirmar perante as crianças mais novas. De mão dada às mais novas, foi recolhendo latas e outros materiais para fazer o mata-bicho para todos. Nesta brincadeira entraram também alguns rapazes que participaram igualmente na recolha de todos os materiais que pudessem servir para o desenrolar da actividade. Enquanto Yani passeava as crianças mais pequenas pela areia as crianças mais pequenas sentadas em roda preparavam o seu pequeno-almoço ainda que fantasiado. Alguns dos rapazes limitaram-se a observar, sentados nos pneus, limitando-se a sorrir com o desenrolar da brincadeira. Estas brincadeiras de faz de conta eram constantes e frequentemente observadas entre as

crianças do bairro, recorrendo aos recursos da natureza para realizarem as suas brincadeiras.



Figura 49 - Brincando ao faz de conta

Fonte: Da autora



Figura 50 - Brincando ao faz de conta

Fonte: Da autora

Episódio 28 - Brincando com cinza

Poucos dias depois da entrada no bairro foi possível captar momentos de uma brincadeira única entre as crianças e que durante os três meses de permanência no bairro, nunca mais foi possível de visualizar. Sentadas em roda de uma fogueira que já se havia apagado, estavam quatro crianças que brincavam com a cinza e carvões ali existentes. Completamente desconhecidas da observadora, as crianças mostraram-se pouco comunicativas, sendo que só João se identificou como sendo o mais velho daquele grupo. Quando questionado sobre o que estavam ali a fazer tão distantes das casas, João disse:

- “Estamos a brincá di cinza”- disse João sem tirar os olhos do chão.

Posteriormente foi fácil concluir que aquela brincadeira só foi possível porque no dia anterior á noite os vizinhos do bairro tinham queimado ali mesmo o lixo que lá se encontrava amontoado e que por norma sempre se queima á noite num local mais afastado das casas.



Figura 51 - Brincar di cinza

Fonte: Da autora

Episódio 29 - Jogo da Matakosana

Varias são as brincadeiras que fazem parte do reportório infantil da criança moçambicana, sendo que a mais predominante e mais observada é sem dúvida o jogo da matakosana. Neste dia encontramos as crianças a brincar á matakosana, bem perto da casa da observadora, pelo que algumas das meninas intervenientes naquele jogo eram

suas conhecidas. Inicialmente, encontravam-se no jogo duas crianças mas outras se foram juntando rapidamente. Dalminha atirava o mugungo ao ar e sem retirar os olhos dele arrastava depressa todas as pedras possíveis para fora da roda. Como conhecia a observadora, foi logo explicando como se jogava enquanto que rebecca recém chegada, pedia para se juntar ao jogo. No jogo permaneceram as três crianças, ficando outras a assistir, sempre com a presença constante de um adulto que, embora distante, as vigiava por serem ainda muito pequenas. O jogo da matakosana era jogado diariamente pelas crianças do bairro, por norma nos locais mais frescos dos quintais e sempre atraía um grande número de crianças, que desde muito pequenas já o aprenderam a jogar sendo o jogo mais importante do repertório infantil moçambicano.



Figura 52 - Jogar á matakosana

Fonte: Da autora



Figura 53 - Jogo da Matakosana

Fonte: Da autora

Episódio 30 - Encontrar a pilha

Numa das caminhadas já normais pelo bairro encontramos Alice e Rebeca a brincarem com uma pilha que Rebeca trouxera de casa da mãe. Sentadas na areia, brincaram desta forma por mais de vinte minutos, tendo a observadora permanecido naquele contexto de observação todo o tempo, a fim de perceber o que as crianças estavam a fazer. Alice só tinha uma pequena fita vermelha que rapidamente emprestou á sua amiga para sinalizarem a pilha e assim a poderem encontrar mais facilmente na areia. Em conjunto as duas amigas escavavam buracos com as mãos o mais fundo que conseguiam, tapando posteriormente para que depois e á vez cada uma delas conseguisse descobrir a pilha. Valia-lhes a astúcia e perícia de tantas vezes terem jogado pois rapidamente a encontravam. Quem primeiramente a encontrasse ganhava. Rebecca como era mais velha, escavava túneis na areia com as mãos e casas, metendo a pilha lá dentro e deixando por vezes a descoberto uma pequena ponta da fita para que Alice mais facilmente a encontrasse. Durante o tempo de filmagem poucas palavras diziam uma á outra, comunicando-se entre olhares e risos que deixava perceber a cumplicidade entre elas. Esta brincadeira nunca mais foi possível observar no bairro mesmo entre Rebeca e Alice.



Figura 54 - Esconder a pilha

Fonte: Da autora

Episódio 31 - Dança da marrabenta

A dança da marrabenta é muito comum no bairro, não estando condicionada a horários nem locais específicos. Do amanhecer ao anoitecer a música marca presença em todos os cantos do bairro pelo que, no fim das aulas principalmente, as crianças vêm para fora das suas casas dançar, sendo que por vezes já é de noite, tal com aconteceu no dia destas filmagens. Aos fins-de-semana, as crianças juntam-se em grupos numerosos e trazem latas de leite em pó vazias de casa que depois servem de batuque improvisado para marcar o ritmo, enquanto que os restantes vão dançar. Ali cada um tenta dar o melhor de si e principalmente mostrar os movimentos corporais que consegue fazer. Numa dos dias que foi possível participar na dança, já era praticamente de noite e as crianças encontravam-se cá fora, algumas somente com dois anos, mas todas dançavam, enquanto que contavam com a presença de uma adulta para as ensinar. O David era sempre o escolhido para bater na lata e assim marcar o ritmo que todos os outros haveriam de dançar, até porque ninguém segurava por muito tempo a lata entre os joelhos, resultando em longas gargalhadas entre eles. Desta forma era importante para estas crianças expressarem-se corporalmente ao som da música que, por norma, entoava o bairro e concentrava um elevado número de adultos e crianças.



Figura 55 - A dança da marrabenta

Fonte: Da autora



Figura 56 - A dança da marrabenta

Fonte: Da autora

Episódio 32 - Cozinhando com mechas

Por norma, nas brincadeiras de faz-de-conta participam várias crianças vizinhas umas das outras, que se juntam nos quintais com alguns materiais que vão trazendo de casa para brincar. De entre tantos materiais recolhidos pelas crianças para a realização das suas brincadeiras, encontravam-se tampas de plástico, latas de leite e atum e também mechas de cabelo das mulheres que as deitam na areia quando já de pouco ou nada

servem. As crianças vão então recolhe-las para depois fazerem o mata-bicho para todas. Durante a tarde de filmagens, várias crianças se foram juntando naquele local, permitindo igualmente que a observadora participasse também enquanto observadora, daquela brincadeira. Thandy como era a mais velha foi recolhendo as mechas, enquanto que Alice as ia colocando na lata e as tapava com areia. Alice e Dalminha iam procurando vidrinhos e outros objectos na areia para juntarem na lata que servia de panela improvisada para o mata-bicho, enquanto que Lindalva e Mika iam saltando nos pneus. Na falta de mais recursos para brincar, as crianças recorriam a tudo aquilo que encontravam por ali espalhado na areia ou que traziam de casa, passando longas tardes empenhadas nas suas brincadeiras.



Figura 57 - Brincando ao faz de conta com mechas

Fonte: Da autora

Episódio 33 - Brincar de camião vai passá

Tudo aquilo que as crianças encontram no bairro já fora de uso, é sempre reutilizado para as suas brincadeiras. Num dos passeios pelo bairro e já bem distantes da casa da observadora, encontramos três meninos que brincavam com um recipiente de plástico que eles cuidadosamente abriram e transformaram em carro. Dilson era o condutor que puxava o suposto carro com uma corda em tecido. Era evidente que só havia lugar para um mas os amigos teimavam em andar juntos, pelo que a corda improvisada facilmente cedeu enquanto Dilson puxava o seu camião á volta da observadora, dizendo:

-“ Camião vai passá”.

Os outros amigos mostravam-se muito envergonhados com a presença da observadora, limitando-se a observa-la. No início da observação, foi possível perceber que somente uma das crianças andava dentro do caminhão enquanto uma puxava e a outra empurrava. Aquela brincadeira parecia acabar ali uma vez que o brinquedo se havia estragado, mas Dilson ficou a concertar enquanto não anoitecia. Esta forma de brincar ao caminhão vai passá era muito comum no bairro, entre os rapazes que quando não arranjavam nenhum recipiente para os seus carrinhos improvisados, pegavam nos pés uns dos outros e caminhavam assim pelas ruas do bairro, improvisando os apitos para as pessoas se desviarem ou talvez lhes captar a sua atenção.



Figura 58 - Brincando ao caminhão vai passá

Fonte: Da autora



Figura 59 - Brincando ao camião vai passá

Fonte: Da autora

Episódio 34 - Brincar ás escondidas-Ntobeluani

Num dos passeios pelo bairro, foi possível observar um grupo de crianças que brincavam ao que em tudo se assemelhava ao jogo das escondidas português mas que em Moçambique as crianças denominam de ntobeluani. Na verdade este jogo é bastante apreciado no bairro mas muito difícil de captar pelas objectivas, devido á corrida frenética das crianças para se esconder. Por norma o jogo do ntobeluani é jogado quase sempre por um elevado número de crianças sendo que nem todas se escondem pois estes grupos são mistos e estão sempre presentes crianças de todas as faixas etárias, fazendo com que as mais pequenas de apenas dois anos não percebam ainda as regras impostas no jogo e não se fossem esconder. Por norma aqui as crianças têm sempre muitos e diversificados locais onde se possam esconder como neste dia nos pudemos aperceber vendo-as correr por entre as canas-de-açúcar ou das bananeiras do bairro, enquanto que outras se atiravam rapidamente por cima dos muros dos quintais dos vizinhos. Por vezes as crianças iam esconder-se já bastante longe, dali o que tornava a tarefa mais complicada para quem estava a contar. Neste dia foi curioso perceber o tempo que as crianças esperavam até serem encontradas, sendo que muitas delas sentavam-se em pneus á espera que alguém os viesse encontrar.



Figura 60 - Escondidas detrás do muro

Fonte: Da autora



Figura 61 - Correndo para se esconder

Fonte: Da autora



Figura 62 - Saltar o muro dos vizinhos para se esconder

Fonte: Da autora

Episódio 35 - Elaboração de uma bola de futebol para as crianças

Em uma das tarde passadas no bairro a observadora e a Otilia encontraram Armando que havia regressado a casa depois de um dia de trabalho. Armando já tinha dito á observadora que haveria de fazer uma bola para os miúdos lá de casa pois não tinham nenhuma, até porque a família de Armando não tinha as mínimas condições económicas para poder comprar uma para os seus irmãos mais novos. Quando chegamos a casa de Armando, encontramos varias crianças sentadas no quintal de colheres na mão a fazerem buracos na areia. Armando pediu então a um dos irmos que recolhesse vários plásticos para fazer uma bola para eles. Depois de todos os plásticos que trouxeram, Armando sentou-se numa cadeira e começou a enrolar os plásticos um a um, metendo-os cuidadosamente uns dentro dos outros. A preocupação de Armando era que a observadora conseguisse filmar os fios que iriam atar a bola para mostrar como se fazia em Portugal. Enquanto enrolava os plásticos Armando desdobrava-se em explicações:

- Tem de ser plásticos ou papéis para quando jogar não sentir dor. Se meter pedra, aí vai passar mal! – Dizia sorrindo.

A observadora ia questionando sobre a quantidade de plásticos usada ao que Armando respondeu:

- Sim tem de ser vários plásticos que é para durar e durar muito a bola. Tá a ver aquelas varas qui tem na bola? Vão ser feitas aqui- explicava Armando orgulhosamente, sem tirar os olhos dos plásticos que não se cansava de enrolar.

Armando pegou então um longo fio do chão que o irmão já havia tirado do saco de zarapilheira e começou a explicar:

- Pode ser um fio do saco ou qualquer fio, desde que não seja duro. Tem de ser um fio que a pessoa pode jogar descalça, não precisa chuteiras.

Assim sendo, Armando começou a enrolar o fio em volta dos plásticos já em formato de bola, atando cuidadosamente cada volta de fio que dava.

- Essa bola não se fura- dizia Armando sorrindo.

A observadora ia acompanhando o processo de elaboração da bola, enquanto perguntava a Armando quem faz as bolas normalmente lá no bairro.

- Costuma ser as crianças – refere Armando- mas quem não sabe pode fazer (adultos).

Quem quer fazer aí? – Perguntava Armando aos primos e irmãos que estavam também a observar.

Como havia já chegado ao fim este longo processo e a bola já estava pronta, Armando referiu:

- Então, quando já estiver no fim amarra-se (dar um nó).

-E já é bola- dizia Armando enquanto se levanta e chuta a nova bola das crianças.

Este processo mostrou-se longo mas as crianças que ali se encontravam observaram cada passo com atenção, para que também elas pudessem mais tarde fazer a sua.

O papel do irmão mais velho ou de um adulto mostrou-se neste dia fundamental no processo de transmissão de conhecimentos, bem como de valores e técnicas antigas que as crianças vão incorporando na sua forma de ser e de estar perante os amigos.



Figura 63 - Elaboração de uma bola de futebol

Fonte: Da autora

3.5 Análise dos episódios: brincar e aprender no contexto africano

O ato de brincar ocupa um lugar de grande importância na vida da criança, contribuindo para o seu correto desenvolvimento, fomentando a sua socialização e relação entre pares. Enquanto brinca, a criança imagina e idealiza transpondo para a realidade as suas emoções e sentimentos naquele momento, desenvolvendo continuamente aspectos cognitivos e emocionais. Desta forma, brincar e aprender fundem-se na medida em que é através do brincar que a criança aprende e assimila competências que lhe servirão de alicerce para a vida adulta, pois é desta forma que vai fazendo a sua apropriação do mundo. Igualmente Agüera (2008) se refere à importância de brincar afirmando:

“...Como sagazes observadoras que são, que absorvem mais do que entendem, as crianças usam primeiro o jogo da imaginação para dar sentido ao mundo, representando o que viram e ouvirem, repensando-o de novo. Gradualmente conseguem transpor a experiência e imaginar o que poderia ser...” (2008, p.6)

Assim sendo, as brincadeiras devem ser prioritárias no contexto diário da criança pois são elas que proporcionam o seu correto desenvolvimento e correta construção da sua personalidade. Enquanto brinca a criança transporta as suas vivências para os brinquedos, depositando neles o seu contexto de vida, as vivências da sua cultura, recriando o mundo à sua volta.

O mesmo se passa no contexto africano, onde as brincadeiras comuns, ainda que desfasadas um pouco da realidade europeia, parecem ir de encontro aquilo que as crianças procuram e necessitam naquele contexto e cultura, tornando-as crianças mais observadoras e comunicativas pela oportunidade que lhes é dada de tomarem as rédeas na construção dos seus próprios brinquedos. Tal como João Amado refere:

“...É maravilhoso descortinar por detrás de muitas destas silenciosas e humildes peças, o peso de uma herança que, por vezes, atravessa milénios, espaços e culturas- assim é com efeito, pelo menos em muitos casos, o que me leva a falar de brinquedos europeus e, em alguns casos, brinquedos universais e de todos os tempos...” (2007, p.215).

À luz da educação de infância, o ato de brincar não só é importante como também é benéfico não só para a criança como também para o adulto que interage no momento com ela, pois além de criar um laço afectivo consegue compreender-se com maior facilidade, percebendo com mais clareza os sentimentos e pensamentos de ambas. Ao brinquedo está e estará sempre associada a infância, bem como a criança e a brincadeira os quais não podem ser pensados separadamente pela estreita ligação que há entre eles.

Em Moçambique, pelo contexto populacional elevado que se verifica e pelo elevado número de crianças observado nos bairros, torna-se sem dúvida mais fácil para elas participar destas actividades de construção dos seus brinquedos, auxiliados sempre

pelos irmãos e familiares mais velhos, que lhes transmitem o que a eles também lhes foi transmitido, ganhando estes brinquedos um peso enorme na sua cultura, sendo quase obrigatório que qualquer criança os saiba fazer ou até mesmo adultos que pretendem ingressar no ensino superior na área da educação de infância. Isto mostra claramente a cultura de um povo que pretende manter vivo uma tradição que a pobreza os ensinou a ter e que orgulhosamente querem manter. Desta forma, sentados no chão ou na areia das ruas as crianças rodeiam-se de tudo aquilo que encontram nos quintais, enumerando-se uma diversidade enorme de materiais que vão desde os caniços ao arame ou às tampas das garrafas. Neste contexto, Amado salienta que:

“... Produzindo e utilizando estes brinquedos- geralmente em colaboração com outros meninos e meninas- toda a criança foi equilibrista e pintora, ceramista e botânica, arquitecta e caçadora, lavradora e escultora, tecedeira e investigadora... e tudo o mais quando pôde aprender na principal das suas escolas- a RUA! ...” (2007, p.214).

Sabendo, portanto, da importância do brincar para qualquer criança, independente do seu meio ou cultura, a melhor ferramenta que lhe poderemos dar será sem dúvida o contacto directo com estes materiais e com estas aprendizagens que as vai preparando, ainda que prematuramente para situações da vida real, tornando-se assim estas crianças em “imitadores natos” (Aguera,2008) que através da construção do brinquedo aprendem e se divertem. E portanto desta forma e na perspectiva de Sarmiento que é fortemente salientada a importância dada às brincadeiras entre pares para melhor percepção e compreensão do mundo.

3.5.1 Espaços, ambientes e contextos

Um jogo é por si só bem mais complexo do que se possa imaginar, uma vez que os jogos e as brincadeiras, para além de pressuporem um conjunto de regras e habilidades necessárias para a sua prática, estão intrinsecamente ligadas ao meio físico e social. Cada prática lúdica pode ser identificada pelo espaço onde se desenvolve, pelos elementos naturais ou não utilizados pelos jogadores e pelos relacionamentos pessoais travados no local.

Segundo Guerra, cada participante age segundo um rol de condutas aceitáveis, uma lista de regras que deve ser cumprida e a duração do jogo que normalmente são ajustadas ao meio físico e social, ocupado por ele (Guerra 2009). As alterações espaciais favorecendo a criação de novos jogos, elaboração de variações, ou mesmo a exclusão, seja definitiva ou temporária, do repertório lúdico do jogo (p.69).

Os espaços físicos são ocupados pelos indivíduos que aí se instalam e depois o transformam de acordo com as suas necessidades, culturas e valores. Isso é notoriamente claro nos bairros, onde as pessoas se regem por padrões culturais idênticos e as crianças fazem uso da sua cultura e tradição para aí desenvolverem as suas brincadeiras.

Em contrapartida, os espaços urbanos encerram-se em si mesmos, favorecendo o isolamento, onde a criança fica confinada ao apartamento, impossibilitando o deslocamento e o encontro entre pares.

Por outro lado, (Freyberger 2005) fala-nos de uma busca constante de registos sobre o uso quotidiano dos espaços dos cidadãos, o que nos leva assim a reflectir sobre a utilização destes espaços por crianças ou adultos no contexto dos jogos e brincadeiras. Igualmente importante é o espaço social que abarca todas as relações estabelecidas entre as pessoas de origens comuns, ou provenientes de outros grupos sociais num determinado momento histórico.

Há uma forte ligação entre a prática lúdica e a existência de espaço disponível, dado que os espaços sociais resultam de situações de encontros formais e informais tal como nos jogos e brincadeiras (p.70). Assim sendo devemos considerar o contexto social e cultural para melhor compreendermos as expressões lúdicas das crianças (p.76). Desta forma, Sarmiento refere:

“As crianças incorporam, interpretam e reconstróem continuamente, informações culturais, constituídos por valores, normas sociais, ideias, crenças e representações sociais, frequentemente expressas sob a forma de histórias e narrativas, lendas, imagens, jogos e brinquedos e brincadeiras e outros artefactos culturais” (2007, p.14).

Isso mesmo é dito, por outras palavras no poema de Mosés Adam (s/d) que através do seu poema elucida e até desvenda um pouco do quadro infantil e as brincadeiras do quotidiano da criança.



Figura 64 - Dança tradicional da “Marrabenta”

Fonte: Da autora

(...) Brincadeiras de criança

Brincadeira de criança, como é bom assim brincar;

Mas só quem entra na roda, vai poder aqui pular.

Pular corda, cabra-cega, salvar lata e tem pião;

Mãe da rua e pular cela. Não é bom soltar balão.

Dê um salto e bata as palmas; meio giro e vai-se ao chão;

Meio giro agachadinho. Dê um pulo e bata a mão.

Pega-pega duro ou mole, morto- vivo e amarelinha;

De boneca ou bicicleta. Vai montar uma casinha.

Mão esquerda, mão direita; minhas mãos eu vou cruzar.

E uma pomba pequenina, vai surgir para voar;

Fecho os olhos e em silêncio. Uso a imaginação.

“ – Sou um príncipe ou princesa. Lobo mau eu não sou não”.

O pé esquerdo, o pé direito; os meus pés eu vou cruzar.

E num giro, um rodopio, quase tonto eu vou ficar.

Bate as palmas bem mais forte, giro e meio e vai-se ao chão.

Num só pé agachadinho, vai subindo com atenção.

*Venha andar no seu carrinho, meio giro em rolimã.
Esconder-se dos amigos, do irmão ou da irmã.
Vou jogar minha peteca, quem pegar cante a canção.
Dessa roda eu vou saindo, segurando sua mão.
Moses Adam (s/d)*

Desta forma, todos os recursos provenientes da Natureza, o espaço e o meio aliados á criatividade e ousadia infantil dão origem a inúmeros brinquedos e brincadeiras onde jogos são criados e recriados.

*(...) Eu fiz o meu palhaço com um dedo na areia,
Ficou tão engraçado com cara de lua cheia.
Os olhos a sorrir, uma boca muito grande, um nariz muito comprido parece
um Elefante.
Na cabeça uma cartola e as mãos que lindas são.
Eu pus-me a olhar para ele e disse: - olá, estas bom?
(canção popular infantil)*



Figura 65 - Fazendo bonecos na areia

Fonte: Da autora

A relação das crianças com os materiais que são postos ao seu dispor e a imitação do mundo adulto constituem um desafio importante para a sua entrada na sua vida adulta, tal como (Cabral, 1991) focaliza a origem das brincadeiras infantis, possibilitando comparações claras entre os jogos praticados em diferentes locais. Contudo, vários jogos e brincadeiras dispensam o uso de brinquedos ou outros materiais, lembrando a título de exemplo o jogo do “zoto” (representação da apanhadinha Portuguesa) necessitando somente do espaço físico para a interacção dos participantes.

(...) A verdade da Infância não está no que dizemos dela mas do que ela nos diz no próprio acontecimento de sua aparição entre nós como algo novo. E, além disso, tendo-se em conta que, ainda que a Infância nos mostre uma face visível, conserva também um tesouro oculto de sentido que faz com que jamais possamos esgotá-la". Larossa (2013, p.195)).

A cultura lúdica comporta um conjunto de esquemas que permitem distinguir um jogo de acordo com o contexto social, sejam jogos antigos que passaram de geração em geração, até aos mais recentes estabelecidos pelo grupo.

Desta forma, durante o processo de brincar e o jogo em si a criança vai construindo e bebendo da sua cultura, ao mesmo tempo que a cultura das regras estabelecidas ganha assim uma identidade na sociedade. Brougère (2005) relembra que, “ a cultura lúdica não é um bloco monolítico, é um conjunto vivo, diversificado pelos indivíduos e pelos grupos em função dos modos de jogar, das condições climáticas ou espaciais”. Em Moçambique esta realidade está bem patente no conceito de brincadeira e jogos realizados entre os grupos de crianças. A maior parte dos jogos observados (como o zoto, o n`chuva e a matakosana), perduram no tempo, tendo sido ensinados a estas crianças que diariamente os realizam, podendo ser observados a qualquer hora do dia, um pouco por todo o bairro. Normalmente estes jogos tradicionais, contam com a presença de alguns adultos, não só como participantes diretos, mas também como observadores, de todo este processo. Num desses jogos (jogo do n`chuva), foi possível ter a presença da avó de um dos adolescentes, enquanto este explicava o jogo aos mais pequenos. Enquanto descascava a mandioca para o jantar, a avó de Armando controlava de certa forma os ensinamentos que Armando ia transmitindo aos irmãos e primos (ver foto episódio 21). Do vasto conjunto de jogos e brincadeiras observadas no bairro, apenas uma minoria é fruto das aprendizagens diárias que as crianças vivenciam nas escolas, com os seus pares (jogo da turma 12 ou a filha do meu professor). Estes jogos de palmas que as crianças transportam da escola para todos os cantos do bairro, vestem-se de carácter sazonal, e temporário pela pouca importância que lhes é conferida pelas crianças, preferindo estas, brincadeiras e jogos ensinados pelos mais velhos, talvez pela importância que eles têm na sua cultura.

3.5.2 Jogos, brinquedos e brincadeiras

Qualquer brinquedo por mais simples que possa ser desempenha em determinada fase da vida da criança um papel crucial para a sua percepção e concepção do mundo que a rodeia.

Em Moçambique esta realidade está bem presente. Devido à falta de condições monetárias dos pais, as crianças moçambicanas criam os seus próprios brinquedos, usando apenas a imaginação. Aqui não se encontram brinquedos de loja. Os que existem são feitos pelas crianças com material reciclado. Para alguns jogos somente é preciso umas linhas no chão ou somente as crianças (ex. jogo do zoto). Outros porém precisam de brinquedos que as crianças astuciosamente elaboram, partilhando depois com os amigos como parte integrante do processo de socialização e de aceitação no grupo.

Um dos brinquedos que mais chamou a atenção da observadora aqui em Maputo foram os carros que os meninos constroem com arame, latas de refrigerante algumas tampas de garrafas e uma cana para poderem segurar e manobrar. Desta forma dando asas á sua imaginação, a criança consegue fantasiar ao mesmo tempo que toma maior percepção da realidade, desenvolvendo a sua capacidade lógica e de raciocínio.

3.5.3 O dia-a-dia das crianças do bairro da zona verde

Aquando da chegada da observadora ao bairro em Janeiro, as crianças do bairro ainda estavam de férias o que facilitou bastante o processo de integração e aceitação pelo grupo de crianças, que passaram a conviver diariamente com a “tia branca” como eles chamavam à observadora. No início as crianças questionavam-se com a sua presença no bairro pois era diferente de todos eles. Depois de lhes ser explicado quais os propósitos da investigação, as crianças rapidamente aceitaram a observadora no seu “espaço de brincadeira”, sentindo-se mais confiantes e vindo gentilmente dar os bons dias todos os dias á casa da observadora.

Depois de as aulas terem começado no dia 9 de Fevereiro já se nota menos a presença das crianças na rua, alternando assim as suas brincadeiras, pois algumas crianças têm aulas de manhã e outros de tarde. Por volta das 17:00h, todas as crianças regressam da escola e mal param para pousar a mochila e vão logo brincar no pouco tempo que lhes resta até anoitecer. Então aproveitam já o entardecer para saltar nos pneus em frente à casa dos vizinhos, ou divertem-se a ver e também a ajudar a desfazer as “mechas” das irmãs mais velhas. Essas “mechas,” que as mulheres tiram do cabelo, são atiradas para a

rua e as crianças como que à espera vão logo recolhe-las, fazendo montinhos com elas que depois servem para completar o imaginário infantil, “fazendo a comida” com elas, nas caixas de manteiga vazias e em garrafas que vão encontrando espalhadas pelo chão. Todo este grupo de crianças do bairro da Zona Verde pertencem a um grupo social muito pobre, onde as crianças mais velhas tomam conta das mais novas, trazendo o prato do arroz já frio para a rua, para dar de comer às irmãs pequenas por vezes fazendo diferença de apenas 3 anos entre ambas. Este grupo no qual se debruça este estudo, possui apenas uma boneca, já sem roupa que uma amiga de Tete lhes deu. Todos os outros brinquedos são feitos de materiais que vão encontrando na areia das ruas, tais como tampas, plásticos, jantes de carros, pneus e latas de refrigerante que cortam ao meio para depois fazerem os seus carrinhos. Aqui é raro uma criança ter um brinquedo tradicional que se compra numa loja, até porque no bairro não se vende nem se vê à venda. As ruas de areia fina assemelhando-se à praia, estão cheias de lixo que os moradores atiram para lá, criando-se ali um amontoado de restos de alimentos, de plásticos, fraldas sujas ou até mechas de cabelo das mulheres (ver registo de campo do episódio n.1).

De tudo se vê nesse amontoado de lixo onde as crianças vão brincar. Aí as crianças retiram e escolhem pequenas coisas que lhes fascina ou prende o olhar para depois brincarem. Do pouco que têm, aproveitam tudo. Daí constroem os seus brinquedos, potencializando o desenvolvimento do seu pensamento lógico, construindo lindos brinquedos com a ajuda dos irmãos mais velhos. As crianças do bairro dedicam a maior parte do seu tempo a brincar ou a ajudar nas tarefas de casa do que propriamente a estudar, pois passam o tempo na rua a brincar com os amigos do bairro. Como é verão e com tanto calor, é normal encontrar as crianças a brincar na rua até às 23.00h, levantando-se muito cedo no dia seguinte para irem à escola.

Neste bairro, as crianças mantêm boas relações de amizade entre si. Todos se conhecem formando sempre os mesmos grupos para brincar. Diariamente juntam-se perto da casa da observadora para poderem brincar com ela e mostrarem as suas habilidades. Este grupo de crianças tem cerca de 15 elementos, protegendo e defendendo-se muito uns aos outros. As irmãs mais velhas também têm a tarefa de tomar conta das mais novas, carregando-as muitas vezes às costas enquanto brincam, (ver registo de campo do episódio n.12) tal com fica claro pelas fotografias que se seguem:



Figura 66 - Alice e Naíma tomando conta dos irmãos



Figura 67 - Alice e Naíma tomando conta dos irmãos

Fonte: Da autora

Este grupo é um grupo misto, composto por rapazes e raparigas que rondam a faixa etária dos 2 aos 15 anos. Todos os dias se juntam ao lado da casa da observadora, afastando-se sempre 700m das suas casas. Só vão a casa por vezes buscar roupas (soutiens e calças da mãe) para brincarem na rua ao faz de conta com as amigas, onde as meninas de 9 e 10 anos mostram uma maior compreensão do mundo e apreensão da realidade familiar, como é visível nas fotografias seguintes:



Figura 68 - Brincadeiras de faz de conta

Fonte: Da autora



Figura 69 - Brincadeiras de faz de conta

Fonte: Da autora

Todas participam das mesmas brincadeiras, jogando em grupos ao Matakosana³, ou aos jogos de palmas onde participam tanto rapazes como raparigas. Por vezes este grupo traz de casa um pequeno aparelho de música e depois passam a tarde a dançar a música que o elemento mais velho do grupo escolheu.

Um dos ensaios durou dois dias sem o conhecimento da observadora, vindo o grupo posteriormente para sua casa, orgulhosos do seu trabalho, para lhe mostrar o que tinham preparado para ela.



Figura 70 - Dançando para a observadora

Fonte: Da autora

³ jogo tradicional Moçambicano, jogado com varias pedrinhas e um mugungo, tendo como objectivo recolher o maior número de pedrinhas possível e assim achar o vencedor.



Figura 71 - Dança na casa da observadora

Fonte: Da autora

Foi com enorme satisfação e curiosidade que foi possível constatar que as culturas por mais diferentes que sejam as crianças, são sempre iguais na sua plenitude de criança, de agir, de sentir, de se expressar. A criança enquanto ser imbuído na sua cultura, acata com naturalidade aquilo que a sua comunidade lhe impõe e com os quais vivência seus usos e costumes enraizando em si mesmo como parte integrante do seu ser.

“...As culturas da infância exprimem a cultura societal em que se inserem, mas fazem-no de modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo”
Sarmiento (2004, p.12).

A mistificação em torno da criança africana como sendo uma criança pobre e faminta com poucos recursos de sobrevivência deixa de fazer sentido quando se entra no seu contexto e nos deixamos seduzir pelo brilho do seu olhar que inocentemente nos convidam a brincar consigo à Matakosana. Porque muito pode faltar, mas o essencial da criança está lá.

É preciso ver, é preciso constatar na realidade as vivências destas crianças que em nada são inferiores às crianças europeias ou de qualquer parte do mundo. Pelo contrário, elas são uma lição a aprender para todos quantos encaram a infância e a criança como uma etapa passageira e pouco valorizada. Vivendo o dia-a-dia neste contexto Africano e fazendo-nos acompanhar destes pequenos professores, fica clara a vivência da infância na sua plenitude, aproveitando intensamente cada minuto do seu dia como se o mundo acabasse ali. Percebe-se o que é ser criança quando nos embrenhamos no seu dia-a-dia e na sua cultura, percebendo que em nada difere da criança enquanto ser brincante,

transbordando energia, que é ao mesmo tempo aprendiz e professor para quem com eles convive diariamente. Porque tudo isto faz parte do contexto de ser criança que tem de ser vivido, para posteriormente na fase adulta olharem o seu percurso para trás e sentirem satisfação dos joelhos esfolados de subir nos coqueiros, dos tombos sem conta que deram a saltar nos pneus, de correr à noite com os amigos no meio de tanta chuva....

3.5.4 Quando brincam as crianças?

Todos os momentos são ideais para as crianças brincarem e transcenderem a sua realidade e o seu contexto de ser criança que muitas vezes lhes é negada pela presença do adulto.

No período correspondente à permanência de três meses no bairro, foi possível verificar rotinas e hábitos das crianças, que basicamente se dividiam por dois períodos distintos: As férias e a época escolar que quando inicia vêm terminar com um ciclo de brincadeiras que as crianças adoptam durante o mês de férias. Como a chegada ao bairro se deu no mês de Agosto, as crianças aproveitavam ainda o longo período de férias que tinham pela frente, não se regendo por horários para a hora lúdica propriamente dita. O despertar de algumas destas crianças era por norma entre as seis e seis e meia da manhã, aproveitando essa hora para saltar nos pneus que delimitavam os seus quintais, antes mesmo de matabichar. Neste mês de Janeiro foi possível captar momentos de ludicidade e interacção entre grupos nas brincadeiras mais comuns, onde se podiam observar facilmente este tipo de actividades a qualquer hora do dia, prolongando-se até ao anoitecer, que acontecia bastante cedo. Depois do mata-bicho, todas as crianças vêm para a rua aproveitar o tempo mais fresco da parte da manhã, uma vez que estando em pleno verão no mês de Janeiro o sol tornava-se insuportável para as crianças brincarem na areia que lhes queimava os pés, pelo que durante a tarde encontravam-se, de certa forma, mais confinadas aos quintais de sua casa ou das casas dos vizinhos, pela proximidade com os seus amigos, aproveitando as sombras das mangueiras e das acácias já apetrechadas de cordas que serviam basicamente para poderem usufruir nestas horas de maior calor, funcionando assim como baloiços improvisados que a sua imaginação lhes permitiu imaginar e concretizar.



Figura 72 - Baloços improvisados nas acácias

Fonte: Da autora



Figura 73 - Baloçar nas árvores

Fonte: Da autora

Como estas árvores existiam em abundância em todos os cantos do bairro, as crianças elegiam-nas como o seu local de eleição para as horas em que lhes não era possível vir para a rua, aproveitando ainda para realizar jogos mais calmos como a "matakozana"⁴ ou a "turma 12".

Em Moçambique, do amanhecer ao anoitecer, vêm-se crianças nos bairros a brincar, numa mistura bastante heterogénea de idades, onde o tempo parece não passar. Durante

⁴ Matakozana – jogo tradicional moçambicano jogado com pequenas pedras e um limão, denominado mugungo.

o dia e em tempo escolar, as crianças do bairro vão à escola perto de casa, dividindo o seu dia que começa com as tarefas de casa que engloba a limpeza dos quintais e só depois vão para a escola. Como a escola termina ainda o sol vai alto, as crianças apressam-se a chegar da escola para terminarem rápido os trabalhos de casa e poderem ir brincar com os amigos do bairro. Neste período que compreende as 17:00h e as 21:00h, as crianças esquecem o que de mau lhes aconteceu naquele dia e vão para a fina areia do bairro brincar, rebolar e saltar, atirando coquinhos uns aos outros como brincadeira de eleição para muitos (ver registo de campo de episódio n.24).

Com o início do calendário escolar no dia 7 de Fevereiro, notou-se uma acentuada mudança no bairro. De repente o bairro ficou calmo, confinando-se as pessoas às suas casas, nas suas lides domésticas, dando a ideia de um bairro deserto onde o tempo parecia ter parado. Isto mostrou claramente que, se dúvidas houvessem, as crianças eram a alma do bairro, com as suas corridas descontroladas pela areia, e as risotas ao pular os muros dos quintais, resumiam-se agora a um silêncio que teimava em prolongar as horas. Com o início das aulas quebrou-se o ciclo de brincadeiras a que as crianças haviam já se habituado, regressando somente das aulas às 17:00h e que para seu prejuízo começava já a anoitecer. Era portanto a partir desta hora que era possível encontrá-las na sua plenitude de criança, fazendo demoradas guerras de coquinhos, onde eram frequentes grupos de 10 crianças, enquanto outros se mantinham escondidos por baixo da sombra das acácias a jogar o jogo das tampinhas (ver registo de campo de episódio n.11).

3.5.5 Com quem brincam as crianças?

Ver uma criança a brincar sozinha nos bairros é situação pontual e que raramente é observada, uma vez que a criança moçambicana é uma criança de rua, uma criança de pés descalços que diariamente salta os quintais dos vizinhos quando chega a hora de brincar.

O ato de brincar no bairro implica por si só um grupo numeroso de crianças, que as brincadeiras assim o exigem. Em todas as brincadeiras diárias destas crianças nota-se uma prevalência dos jogos de grande grupo, nomeadamente no “jogo do Zoto⁵” e no “jogo da Matakozana” onde frequentemente estavam presentes grupos de 15 crianças (ver registo de campo de episódio n.14).

⁵ Zoto – Jogo muito semelhante à apanhadinha portuguesa, envolvendo sempre grupos numerosos de crianças.

Por norma, a criança Moçambicana raramente é vista a brincar sozinha pelos mais diversos factores nomeadamente pelo elevado número de crianças no bairro o que se torna benéfico para o seu processo de socialização, na medida em que vai partilhando momentos de brincadeira com crianças da mesma idade ou idades muito próximas da sua, havendo assim uma partilha mútua de conhecimentos e competências que se vão consolidando através do processo imaginativo que compõe o quadro das suas brincadeiras diárias. Nas observações efetuadas ao longo dos três meses no bairro e trilhando diferentes percursos semanalmente, damo-nos conta de uma realidade bem presente nas brincadeiras das crianças, que passa pela presença de um adulto, ainda que distante das crianças mas que “controla” de certa forma as brincadeiras ou, quem sabe, até as condiciona pela oportunidade que o imaginário infantil tem de as poder transformar e adaptar ao contexto da criança, como se torna claro constatar pelas imagens seguintes:



Figura 74 - Brincadeiras supervisionados por um adulto

Fonte: Da autora



Figura 75 - Brincadeiras supervisionados por um adulto

Fonte: Da autora

Estas presenças do adulto não eram diárias, mas faziam-se notar mais quando nas brincadeiras se encontrava uma criança mais pequena, ou não abarcando ainda a faixa etária dos seis anos (ver registo de campo de episódio n.5). Em todas as visitas efetuadas as crianças no bairro os adultos, envolvidos de certa forma, na observação, mostraram-se sempre muito abertos ao diálogo, procurando sempre de antemão saber qual o propósito da visita, apressando-se posteriormente a chamar outras crianças que por ventura se encontrassem nos quintais para que também pudessem ser fotografadas ou filmadas. Esta presença da figura masculina, ainda que distante do cenário das brincadeiras, parece encontrar resposta na crescente falta de emprego ou na fraca produtividade das “machambas⁶”, o que os torna figuras presentes no contexto de brincadeiras infantis que diariamente se desenrolam no bairro. De todas as crianças envolvidas em brincadeiras ou jogos, presenciados de Janeiro a Abril, parece haver já grupos formados que se juntam à tardinha depois das aulas terminarem para brincar no pouco tempo que lhes resta até ao cair da noite. Este parecer parece encontrar resposta nas visitas diárias efetuadas à casa da observadora, encontrando-se nestas visitas quase sempre as mesmas crianças que só em situações mais pontuais lá traziam um amigo para nos apresentar. Normalmente estes grupos de crianças são grupos mistos, abarcando faixas etárias distintas que pouco ou nada parece interferir nas brincadeiras realizadas

⁶ Machambas – terrenos cultivados pelas pessoas, geralmente de grandes dimensões.

diariamente no bairro, salvaguardando no entanto que em alguns jogos se exclui esta perspectiva uma vez que as regras dos jogos assim o determinam.

Estes grupos são maioritariamente heterogêneos, onde a idade pouco ou nada parece importar, interagindo nestes jogos crianças entre os 3 e os 16 anos não havendo distinção de jogos para rapazes ou raparigas, como é representado na fotografia que se segue:



Figura 76 - Grupo misto de brincadeira

Fonte: Da autora



Figura 77 - Brincadeiras de faz de conta

Fonte: Da autora

3.5.6 Como brincam as crianças?

O ato de brincar em Moçambique está muito enraizado na sua cultura ou no misto de culturas existentes nos bairros, onde os jogos de agora são os jogos do tempo dos seus pais e avós, que os mais velhos enraizaram como a marca da sua cultura que vão transmitindo ao seus filhos.

Apesar do elo comum que caracteriza as brincadeiras das crianças um pouco por todo o mundo, sabemos de antemão que em Moçambique essas brincadeiras são fortemente condicionadas pelo clima tropical, que propicia no verão brincadeiras de pés descalços na fina areia dos bairros e no inverno saltar as poças de água formadas pelas chuvas ou enterrar os pés no matopi e com ele moldar aquilo que fantasiarem.

Este clima tropical, de calor tórrido durante o dia e chuvas torrenciais e trovoadas à noite, caracterizam o contexto Moçambicano, sendo esta situação bastante aproveitada pelas crianças que aprenderam a jogar ao “Zoto” à chuva como forma de estar e ser culturalmente bem aceite (ver registo de campo de episódio n.14). Parecem existir brincadeiras potencialmente favorecidas pelas condições climatéricas, sendo que no verão é usual ver as crianças a subir às mangueiras para comer as mangas mesmo antes de amadurecerem, ou a pendurarem cordas nas bananeiras para servirem de baloiço entre os mais pequenos. Vêm-se algumas crianças que brincam a trepar os coqueiros a ver quem chega mais alto embora essa brincadeira esteja já a cair em desuso, uma vez que ao treparem os coqueiros as crianças frequentemente apanhavam a “tinha⁷” que implicava um tratamento muito severo para a criança, tendo mesmo de rapar o cabelo. Igualmente usual nos bairros é a brincadeira dos pneus, onde quase todas as crianças têm um para brincar ver quem corre mais sem o deixar cair (ver registo de campo de episódio n.22). Esta forma de brincar com os pneus está visivelmente enraizada na cultura moçambicana, que usa o pneu como forma de delimitar os quintais ou como brinquedos dispostos em filas para as crianças saltarem ou ainda como forma de socialização dos mais velhos que criam jardins bem delimitados por arame onde as cadeiras são pneus para que os adultos à noite ali possam confraternizar. Usualmente as crianças são vistas a brincar com carrinhos feitos de arame e latas de refrigerantes cortadas, sendo depois facilmente empurrados por um pau que retiram dos “caniços”.

Os rapazes mais velhos e habilidosos aproveitam esses paus dos caniços para fazer habilidosas pistolas para os mais pequenos. Os irmãos mais velhos desempenham em si

⁷ Tinha – Doença que as crianças moçambicanas apanham na subida aos coqueiros, caracterizando-se por manchas brancas na cabeça, obrigando a rapar todo o couro cabeludo.

mesmos essa função de protector e professores dos mais novos, fazendo pulseiras com as folhas das bananeiras ou anéis para as meninas com os papéis metalizados do “kibom” (ver registo de campo de episódio n.18). Outras brincadeiras como brincar ao “Zoto” ou brincar ao “n`chuva” ou fazer as “danças da marrabenta”, não parecem estar condicionadas ao factor meteorológico (ver registo de campo de episódio n.20).

Nestes bairros ladeados de areia fina, as brincadeiras das crianças giram em torno dela fazendo estradas para o seu “carro chinelo passá” ou então escavando mais fundo na areia com um pedaço de madeira, retiram toda a areia molhada que necessitam para fazer lindas casas com muitas divisões e um vidro que ali encontram a fazer de porta.

A areia dá-lhes basicamente tudo aquilo que elas procuram para brincar. Ali encontram sempre um vidro que será a coluna do seu carro, ou paus para fazer o tubo de escape. Quando chove bastante e que a areia fica bem molhada, as crianças aproveitam para fazer buracos perfeitos com a ajuda de colheres da sopa que trazem de casa para depois recolherem pedrinhas nos quintais dos vizinhos que iram servir para jogarem o tão apreciado jogo do “n`chuva⁸”.

Constata-se portanto que as brincadeiras das crianças de Moçambique estão fortemente ligadas aos recursos provenientes da natureza e daquilo que diariamente encontram na areia dos bairros como é comprovado pelas fotografias seguintes:



Figura 78 - Viola feita de materiais de desperdício

⁸ N`chuva – jogo tradicional moçambicano jogado pelas crianças, fazendo covas no chão nas quais são colocadas um numero indeterminado de pedrinhas, que vão sendo retiradas ao adversário.

Fonte: Da autora



Figura 79 - Brinquedo feito com elementos da natureza – caniços

Fonte: Da autora



Figura 80 - Jogos tradicionais

Fonte: Da autora

Ao longo deste percurso no bairro, a presença de crianças aqui e ali foi sempre uma constante, de tal forma que é muito normal vê-las com os seus pares em grupos, onde facilmente se encontram mais de 10 crianças, que brincam com tudo o que vão encontrando ou que trazem de casa. No tempo de permanência no bairro constatou-se que as crianças brincam preferencialmente nos quintais dos vizinhos ou nas ruas de areia, aproveitando excepcionalmente os fins-de-semana para irem brincar no recinto da

escola primária/secundária de Matola, onde os rapazes estão em maioria, predominando nestas brincadeiras os jogos de futebol ou o jogo do elástico para as meninas.

Apesar do número elevado de crianças existentes no bairro, as infra-estruturas de componente lúdica, nomeadamente parques infantis ou campos de futebol, são inexistentes. Isto é manifestamente negativo, uma vez que não é dada à criança oportunidade de conhecer e de explorar, confinando-a aos quintais dos vizinhos, privando-a de certa forma de “alargar horizontes” e descobrir aquilo que na televisão pode ver e a sua imaginação consegue idealizar. Esta “falta de tudo” leva as crianças a aproveitar qualquer lugar para brincar, ainda que não tenham sido concebidos para esse fim, como nos mostra a fotografia que se segue:



Figura 81 - Uma criança brincando num esgoto

Fonte: Da autora

Verifica-se portanto que as brincadeiras das crianças do bairro foram sendo adaptadas pelas crianças ao longo do tempo, de acordo com os espaços e configuração do bairro. Parece portanto lógico que na ausência de infra-estruturas próprias para a prática lúdica das crianças, se tenha encontrado uma resposta para o tipo de brincadeiras observadas ao longo destes três meses e que se manifestam principalmente em atividades de agilidade motora, para trepar árvores, saltar nos pneus ou até pular os muros dos quintais dos vizinhos. Portanto, estas brincadeiras fundamentam-se nos poucos recursos económicos e nomeadamente culturais do bairro. Perante isto, torna-se notória a

preferência das crianças pelas brincadeiras ao ar livre, incluindo neste rol as brincadeiras na areia, nos esgotos e até mesmo nas bermas das estradas, por vezes já bem distantes de casa.

Apesar do contexto do bairro não ser o ideal para quem que lá pisa pela primeira vez, ele parece no entanto satisfazer os critérios e necessidades das crianças moçambicanas que parecem ter moldado já as suas brincadeiras e o seu tempo ao local onde estão inseridas.

CONCLUSÃO

Este trabalho resultou da necessidade de conhecer o contexto de vida da criança Africana, buscando entender e conhecer um pouco da sua cultura e de que forma ela influencia a sua vida e comanda o seu destino. Mostrava-se pois fundamental embarcar nesta viagem, a fim de permitir não só a quem investiga mas sobretudo aos leitores, ter uma perspectiva da vida das crianças Africanas, nomeadamente no que diz respeito à sua plenitude de ser criança, englobando aqui logicamente os brinquedos e as brincadeiras mais comuns, até então desconhecidas da maioria dos leitores, e que preenchem os mundos de fantasia e o quotidiano da criança Africana. Procurando responder a muitas questões sobre os brinquedos e as brincadeiras das crianças, foi possível perceber que, pelos escassos recursos económicos do país, as crianças são “obrigadas” a construir os seus próprios brinquedos, recorrendo quase sempre a materiais de desperdício ou que a natureza lhes dá em abundância. Durante a realização desta pesquisa, ficou claro que estas crianças, que passam o seu tempo em brincadeiras de rua, aprenderam a desenvolver outro tipo de competências, que lhes permite defender-se dos perigos constantes, a que diariamente estão expostas, com mais facilidade. São, portanto, crianças mais atentas e observadoras de tudo aquilo que se passa à sua volta, concentrando a sua atenção em vários acontecimentos em simultâneo. Por vezes, este tipo de competências parece encontrar fundamento nas diversas actividades a que diariamente estão sujeitas, sendo por vezes difícil, para quem observa, distinguir onde começa o tempo lúdico e termina o tempo de trabalho. Isto verificava-se diariamente entre as meninas de 8 e 9 anos que transportavam os irmãos mais novos às costas enquanto brincavam. Ou seja, estas crianças brincam trabalhando, tendo essa postura já enraizada, não se conseguindo já separar uma da outra. Assim sendo, as tarefas domésticas parecem condicionar o tempo de brincadeira das crianças, que encaram este processo como normal, conferindo-lhes um sentimento de pertença a uma cultura. Em todas estas brincadeiras e jogos captados ao longo destes 3 meses, sempre se constata a presença de crianças ainda bebés à guarda de suas irmãs. A maioria destes jogos foram recriados por estas crianças ou são já importantes legados que foram passando de geração em geração e que a sua cultura prima em não deixar acabar. Não é possível descrever em palavras o que uma objetiva tentou captar em meses e também não conseguiu. Apesar do presente trabalho ser um produto inacabado, ficam as

imagens elucidativas do quotidiano infantil das crianças, da alegria, com o pouco que têm e que com um pouco da sua criatividade transformam em quase tudo.

Se dúvidas havia que a criança Africana era uma criança feliz, este trabalho demonstra uma realidade bem diferente, pois deste trabalho ficaram momentos de partilha, de saberes, muita cumplicidade de olhares, muita descoberta de parte a parte, aprendendo mais a investigadora que aprendeu a ver através do olhar das crianças, a fim de melhor perceber a realidade da criança Africana.

Deste desafio, que se mostrou desde o início, ficam muitas questões por responder, que serão sem dúvida um desafio a outros investigadores, que possam pisar os trilhos já descobertos, delineando outros para que possamos alargar horizontes, principalmente a quem, tal como os leitores, recebe o produto final. Neste sentido, dou por alcançados os objectivos previamente delineados, nomeadamente em tentar perceber a condição de infância destas crianças, e de que forma elas influenciam e são influenciadas pela sua cultura, ao ponto de criarem e recriarem os seus próprios brinquedos e brincadeiras para que a tradição se possa transmitir às gerações vindouras.

BIBLIOGRAFIA.

- Adam, Mosés (s/d) – Brincadeiras de criança.
<http://www.blocosonline.com.br/literatura/poseia/pinf/pinf0108.php>
- Abrantes, P., & Katúmua, M. (2014). *Curso de sociologia*. Angola: Escolar Editora.
- Agostinho, K. (2003). *O espaço da cresce que lugar é esse?* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Aguera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância. Atividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-letras.
- Amado, J. (2007). *Universo dos brinquedos populares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Araújo, M. (2012). *Espaço urbano demograficamente multifacetado: as cidades de Maputo e da Matóla*. Maputo: Cambaza Editores.
- Barra, M. (2015). *A infância na latitude zero: as brincadeiras da criança "global" africana*. Braga: Universidade do Minho (tese de doutoramento em Estudos da Criança).
- Brougère, G. (2005). *Jouer/Aprender*. Paris: Económica Anthropos.
- Cabral, A. (1991). *Jogos populares portugueses de jovens e adultos*. Lisboa: PT Noticias.
- Castiano, J., & Ngonha, S. (2014). *O barometro da educação básica em moçambique. O professor: o elo mais fraco da qualidade do "saber saber" do ensino básico*. Edição Publifix.
- Cohn, C. (2005). *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Colonna, E. (2012). *Eu é que fico com a minha irmã: vida quotidiana das crianças na periferia de Maputo*. Braga: Universidade do Minho (tese de doutoramento em Estudos da Criança).
- Corsaro, W. (1997). *The sociology of childhood*. Oaks: Pine Forge Press.
- Corsaro, W. A. (2002). A reprodução interpretativa no brincar ao "faz-de-conta" das crianças Educação, sociedades e culturas. (Vol. 17). p.113-134
- Costa, A. F. (2007). *O que é a sociologia*. Quimera Editores.
- Coutinho, A. (2002). *Culturas Infantis: Conceitos e significados no campo da pesquisa e no cotidiano da educação infantil*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Duarte, S., & Rupia, J. (2014). *As ciências sociais e humanas. Debate teórico e prático em Moçambique*. Moçambique: Editora Educar UP.

- Elias, N. (2005). *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições Setenta.
- Fantacholi, F. N. (2011). O brincar na educação infantil: jogos, brinquedos e brincadeiras - um olhar psicopedagógico. *Revista científica aprender*, 5. edição vol. 34. Minas Gerais. <http://revista.fundação.aprender.org.br/index.php?id=148#mini>
- Freyberger, A. (2005). *A construção do ambiente educativo. Uma pesquisa-acção colaborativa em um centro de educação infantil*. S. Paulo: Universidade de S. Paulo.
- Gomes, T. (2014). Brincar e desenvolvimento infantil: uma análise reflexiva/play and child development. *St. Augustine College Journal*, 6. (1)
- Guerra, V. (2009). *Temporadas de brincadeiras*. S. Paulo: Universidade de S. Paulo.
- INE. (1999). *Projeções anuais da população por provincias*. Maputo.
- Kishimoto, M. T. (1994). *O jogo e a educação infantil. Jogo, brinquedo e brincadeira*. Florianópolis: Editora Pioneira. 12 (22) p.105-108
- Larossa, J. (2013). *Pedagogia profana. Danças, piroetas e mascaradas*. . Tradução de Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica.
- Manjate, T., Bravo, C., & Dimande, E. (2012). Os intelectuais africanos face aos desafios do século XXI. *Cento de estudos africanos - atas de segunda conferência*. edição: Maputo
- Moreira, A. (2011). What about those shoes? Street children and NGOs in Maputo, Mozambique. *Working Paper*.
- Muller, F. (2006). *Infância nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistencia*. Campinas: São Leopoldo.
- Navarro, M. S. (2009). O brincar na educação infantil. *in Curitiba: IX Congresso Nacional de Educação*. PUCPR Curitiba.
- Ngonha, S., & Castiano. (2013). *A longa marcha duma "educação para todos" em Moçambique*. Cidade: Maputo Edição Publifix.
- Pinto, M., & Sarmiento, M. (1997). *As crianças, contextos e identidades*. Braga: Centro dos estudos da criança - Universidade do Minho.
- Santiago, E. (2012). Cultura moçambicana. *Infoescola*.
- Santos, B.S. (1997) - Uma concepção multicultural de direitos humanos. *Lua nova*, 39, 105-124.
- Sarmiento, M. J. (2003). Imaginário e Culturas da Infância. *Cadernos de Educação*, R.S. Brasil: Universidade de Pelotas. Ano 12, n:21 (51-69).

- Sarmiento, M. J. (2004). "As culturas da Infancia nas encruzilhadas da 2. Modernidade", in M-J. Sarmiento, e A. B. Cerisara (Coord), *Crianças e Miúdos. Perspetivas sociopedagógicas sobre infância e educação*. Porto: ASA (9-34).
- Sarmiento, M. J. (2004). Essa criança que se desdobra... *Pátio-Educação Infantil*, 6, pp. 14-17.
- Sarmiento, M. J. (2007). "Culturas infantis e interculturalidade", in Leni Dornelas (org) *Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância*. Petrópolis: Vozes. (19-40).
- Sarmiento, M. J. (2007). "Visibilidade social e estudo da infância", in Vasconcellos, Vera M. R. e Sarmiento, Manuel Jacinto (org.). *Infância (in) Visível*. Araraquara: Juncareira & Marin (25-49).
- Sarmiento, M. J., & Pinto, M. (1997). *As crianças: contextos e identidades*. Centro de Estudos da Criança. Braga: Universidade do Minho.
- Silva, A. N. (2011). *Jogos, brinquedos e brincadeiras. Trajetos intergeracionais*. Vila Verde: Edição Atahca.
- Silva, Costa, T., & Junior. (2013). *Jogos e brincadeira. Acções lúdicas nas escolas, ruas, festas, parques e em família*. S. Paulo: ALL Print Editora.
- Vygotsky, L., & Luria, A. (1998). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. S. Paulo: Editora Icone.